GALERIA FRENTE

物事が醸し出す絶妙なる現実

A REALIDADE MÁXIMA DAS COISAS

Flávio Shiró
Jorge Mori
Kazuo Wakabayashi
Manabu Mabe
Megumi Yuasa
Takashi Fukushima
Tikashi Fukushima
Tomie Ohtake
Tomoshige Kusuno
Yutaka Toyota
Tsuguharu Foujita

Jacob Klintowitz



物事が醸し出す絶妙なる現実

A REALIDADE MÁXIMA DAS COISAS

GALERIA FRENTE

A Realidade Máxima das Coisas

Jacob Klintowitz

De 16 de março a 01 de junho de 2024
De segunda a sexta-feira, das 10h às 18h
Sábado, das 10h às 14h

Rua Dr. Melo Alves, 400 - Cerqueira César - São Paulo

+ 55 11 3064 - 7575
www.galeriafrente.com.br

カタログ紹介

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que a Galeria Frente promove a primeira exposição coletiva que abre a programação de 2024. A Realidade Máxima das Coisas, dedicada à importante presença de artistas nipo-brasileiros, tem a curadoria do escritor, crítico de arte e jornalista Jacob Klintowitz, grande parceiro que realizou conosco a exposição "***CANDIDO PORTINARI.*** No círculo de luz. ***Na asa do Sol***" no ano passado.

Um dos objetivos do nosso programa de exposições é trazer à tona e homenagear legados estéticos de relevância, que tenham consistência histórica e valor inestimável para a cultura artística nacional e internacional. Acreditamos que a difusão tanto da exposição como deste catálogo fomenta a atualização do debate, cria a atmosfera de encontros e favorece novas discussões sobre a criação dos artistas.

Nesse sentido, dois fatores nos estimularam a refletir sobre a cultura nipo-brasileira. O primeiro é que, em 14 de setembro deste ano, será comemorado o centenário de nascimento do artista Manabu Mabe (Kumamoto, Japão, 1924 – São Paulo, SP, Brasil, 1997). O outro é que em 2024 vamos celebrar os 116 anos da Imigração Japonesa no Brasil.

A história teve início em 18 de junho de 1908, quando o navio Kasato Maru aportou no Porto de Santos, em São Paulo, trazendo lavradores para as fazendas do interior paulista. Esse importante marco ampliou as possibilidades para a cultura oriental misturar-se com a tropical e gerar milhões de frutos dessa combinação exótica. Atualmente, o Brasil abriga a maior população de origem japonesa fora do Japão, com cerca de 1,5 milhão de nikkeis.

A exposição A Realidade Máxima das Coisas tem esse caráter, tem a essência de comemoração e celebração da cultura nipo-brasileira a partir do recorte curatorial que apresentará a visão de onze artistas: Flávio Shiró (1928), Jorge Mori (1932-2018), Kazuo Wakabayashi (1931-2021), Manabu Mabe, Megumi Yuasa (1938), Takashi Fukushima (1950), Tikashi Fukushima (1920-2001), Tomie Ohtake (1913-2015), Tomoshige Kusuno (1935), Yutaka Toyota (1931) e Tsuguharu Foujita (1886-1968).



James Acacio Lisboa e Tomie Ohtake

Não pretendemos esgotar o debate, mas pura e simplesmente evidenciar as diferenças e as semelhanças que esse caldo artístico nos traz. Estamos confiantes de que a realização da exposição e desta publicação serão fatos importantes para a melhor compreensão da cultura nipônica.

Para finalizar, gostaríamos de agradecer o apoio de todos os artistas, seus herdeiros, instituições, fotógrafos e outros profissionais que nos ajudaram a concretizar este projeto – sem os quais seria impossível a sua plena execução. Para todos os envolvidos, o nosso muito obrigado!

James Acacio Lisboa

Sumário

08 A Realidade Máxima das Coisas

14 Jorge Mori
28 Flávio Shiró
42 Kazuo Wakabayashi
56 Manabu Mabe
92 Megumi Yuasa
106 Takashi Fukushima
118 Tikashi Fukushima
130 Tomie Ohtake
142 Tomoshige Kusuno
152 Yutaka Toyota
168 Tsuguharu Foujita
180 Acervo fotográfico

物事が醸し出す絶妙なる現実

A REALIDADE MÁXIMA DAS COISAS

Fascinação, o encontro entre a lua e o Sol.
A luz do alvorecer.

Foi um longo percurso que o espírito da moderação e da luz matizada, do meio-tom, percorreu até chegar ao mundo da plena luz e da exaltação. A realidade mínima das coisas e a realidade máxima das coisas. É fascinante o encontro entre a linguagem reflexiva e a linguagem exponencial. Essas demarcações e fronteiras contêm, entre elas, todos os semitons e nuanças. Nada é absoluto nessas identificações, nada é definitivo.

Algumas das mais significativas demonstrações do caminho criativo desde diálogo entre a luz matizada e a plena luz podem ser encontradas nessa pesquisa e exposição, na qual estão presentes 10 dos mais importantes artistas brasileiros de origem nipônica: Manabu Mabe, Yutaka Toyota, Tomie Ohtake, Megumi Yuasa, Takashi Fukushima, Tikashi Fukushima, Flávio Shiró Tanaka, Tomoshige Kusuno, Jorge Mori, Kazuo Wakabayashi.

Há o 11º, símbolo do artista errante do século 21, um artista nipônico que viveu plenamente o Brasil na década de 1930: Tsuguharu Foujita. Ele permaneceu algum tempo no Brasil, dialogou com a cultura tropical e nos incluiu na sua jornada pela América. Foujita tornou-se referência do artista em trânsito, em transformação, capaz do diálogo com culturas estranhas. No Brasil, ele foi um pioneiro da relação aberta dos artistas de origem nipônica.

A tradição filosófica, poética e visual do Japão, país de origem dos artistas da exposição, é a de criar uma linguagem afirmativa com o mínimo de elementos. A poesia haicai tem 17 sílabas, e a pintura trata de temas cotidianos, locais, com delicadeza. Esse costume de tantos séculos tem sido, muitas vezes, definido como a realidade mínima das coisas... E, no entanto, foi capaz de influenciar artistas fundamentais do Ocidente, como Claude Monet, Vincent van Gogh e Cézanne.

Essa origem qualificada como "a realidade mínima das coisas" é muito importante. A nossa exposição não é uma mostra étnica. Ela trata de arte. E traz artistas criados dentro da tradição japonesa que, em contato com a plena luz dos trópicos, produziram uma arte exponencial na qual oferecem a vigorosa definição da realidade. Cada artista, em sua vertente, nos oferece uma visão renovada da realidade cotidiana. Então é possível dizer que essa arte atual amplia a nossa consciência, a nossa percepção da realidade. É uma arte afirmativa. O diálogo com a origem, "a realidade mínima das coisas", se dá pelo cotejo de uma arte extraordinariamente vital e dinâmica. Os trópicos revisitados. Por isso, "a realidade máxima das coisas".

Um vaso com flores pode ser inteiramente pintura, linguagem, e não simplesmente representação de beleza decorativa e superficial. O desenho sobre alguma coisa é designar, nomear, dar nome às coisas e, com esse ato, trazê-las para o reino da humanidade. A arte chinesa e posteriormente a japonesa levaram esse conceito ao supremo grau de maestria. Os extraordinários gravadores/artistas japoneses Ogata Korin (1658-1716), Torii Kiyomasu (1690-1718), Suzuki Harunobu (1725-1770), Katsushika Hokusai (1760-1849), Andô Hiroshige (1797-1858) e Torii Kiyonaga (1752-1815) foram fundamentais na formação da arte moderna europeia.

Eles trabalharam a partir de situações objetivas: a ponte, a vida diária, os pescadores, as gueixas, as florestas, o mar. Mas essa descrição era a da arte e não a do pretenso realismo, ou seja, do entendimento convencional. A influência deveu-se à superioridade desse sistema: a criação da linguagem a partir de um referente reconhecível.

De muitas maneiras podem ser explicados os percursos da arte nos últimos 150 anos. Mas o que une esses vários procedimentos é a autonomia da arte como ser único, personagem novo no panorama dos existentes. O artista tornou-se um demiurgo, um mágico, um Eloim bíblico a criar universos. Essa é a razão porque os artistas viraram figuras míticas na nossa época, independentemente de como foi a sua vida particular. Excêntricos, loucos, drogados, irascíveis, egocêntricos, fantasistas, misantropos... Nada disso importa muito, talvez só como peculiaridades que caracterizam existências corriqueiras, pois o que verdadeiramente conta é a obra produzida e a sua capacidade de ser original e reveladora.

A arte da nossa época tem duas características imanentes: ela é revelação, pois nos oferece um registro novo, e ela é redentora, porque modifica os nossos padrões de realidade e forma novas consciências.

É irresistível uma arte que é revelação e messiânica ao mesmo tempo.
Alguns poucos poemas haicais de três mestres, a seguir, exemplificam o tom de uma realidade completa, mas matizada. Observa-se que a poesia haicai não quer nos dizer nada. Ela não tem uma mensagem explícita. Ela não pretende demonstrar nada, não tem qualquer intenção de nos convencer. Ela não nos diz o que é a realidade, não discursa sobre procedimentos, não pretende ser uma plataforma ideológica. Os poetas haicais, muitas vezes, eram zen-budistas, errantes, e carregavam pouquíssimos pertences. No seu percurso itinerante, foram alimentados pelos habitantes locais e, algumas vezes, faziam os seus poemas nesse contato, recebiam poemas feitos pelos habitantes e – era comum! – não escreviam os seus poemas, que eram registrados pelos circunstantes. A poesia haicai não propõe nada, porque ela simplesmente é.

Na tradição, a poesia haicai tem somente 17 sílabas em três frases: 5-7-5. Ela é despojada. Costuma a primeira frase ser uma observação do instante: "o horizonte avermelhado do ocaso". A segunda frase remete à permanência do mundo: "é comum em agosto esta amplidão de cores". A terceira frase é o que se passa com o poeta, o seu sentimento: "a triste memória do ocaso do meu amor".

Podemos também entender o sentimento dos poetas como referências sobre a vida humana. Esse caracol de Issa, que docemente inicia a escalada do Monte Fuji, talvez esteja nos dizendo que o percurso é o mais importante. Alcançar a meta? Mas se habitamos o infinito...

De que árvore florida chega?
Eu não sei
Mas é o seu perfume.
Matsuo Bashô (1644-1694)

Criança silenciosa
Convertida em mulher
Já se perfuma.
Buson (1715-1783)

Caracol
Docemente, docemente
Escala o Monte Fuji.
Issa (1763-1827)infinito...

O principal encanto do Novo Mundo sempre consiste em que ele nos oferece o futuro. Tudo pode ser construído, imaginado, experimentado. Evoca o Gênesis, o mundo está sendo inventado. Não existe limite nessa sempre sonhada viagem do ser.

O Novo Mundo é a máquina do tempo. E, por lógica e simetria, o Novo Mundo é o único recanto da Terra onde podemos ter a sensação de que encontraremos um fragmento do Paraíso. A inocência, a pujança da natureza, a semente do que virá, os paradigmas das ideias perfeitas antes da contaminação causada pela civilização. Os dois polos, o futuro e o passado. E, naturalmente, as dificuldades de uma sociedade construída a partir de culturas transplantadas. É nesse universo de sonhos e contradições em que se dá a importante imigração japonesa.

Na arte e na cultura, mais do que descrever a influência nipônica, devemos falar de sua presença como elemento constitutivo da arte brasileira atual. É inconclusivo e fragmentário pensar na nossa arte se não considerarmos a participação decisiva da cultura japonesa na sua formação.

Todas as comunidades de imigrantes, no Brasil e em outros países, enfrentam questões similares. Como manter o tesouro de sua cultura de origem e, ao mesmo tempo, participar ativamente da vida social e produtiva da nova casa? No caso da comunidade japonesa, a questão é especialmente aguda devido ao extraordinário nível de sua civilização de origem, tanto no campo da literatura quanto no das artes visuais. Na verdade, visual ou literária, essas expressões estão fundadas num patrimônio filosófico e religioso em que se inclui uma especial relação com a natureza e com a percepção do intercâmbio entre o ser e o universo como um único sistema de significações. Fatalmente é certo que a juventude mergulhará no novo ambiente, se tornará parte dele e tenderá a esquecer do tesouro patrimonial de origem. Existem ciclos de assimilação e de retorno que se alternam, e é interessante observar como se dá o intercâmbio emocional entre gerações, entre o passado e o presente, entre as novas tecnologias e a ancestral meditação.

A seleção de artistas – Manabu Mabe, Tomie Ohtake, Tikashi Fukushima, Takashi Fukushima, Flávio Shiró Tanaka, Megumi Yuasa, Tomoshige Kusuno, Kazuo Wakabayashi, Jorge Mori, Yutaka Toyota – faz parte desse retrato em permanente transformação. Cada um deles tem a própria intuição da realidade, do universo, da integração do ser humano. As condições de imigração, de origem, de contexto cultural e artístico oferecem uma estrutura

comum, mas cada um trabalhará a partir de seu entendimento, de seus recursos visíveis e invisíveis. É plausível imaginar que o espírito humano é o mesmo ao longo dos milênios, o que nos permite admirar um desenho feito na caverna de Lascaux, uma escultura pré-colombiana, uma pintura de Cézanne, um desenho de Picasso e uma pintura de Hokusai. E certamente apreciar cada um dos artistas aqui assinalados e também o nosso "convidado" especial, Foujita. E cada um deles nos proporciona uma percepção da realidade. Ou melhor, afirmamos que cada um deles nos oferece um vislumbre da realidade.

Existe um dado paradoxal na história da imigração japonesa no Brasil. É tomado como marco principal que sua trajetória começou no dia 18 de junho de 1908, quando o navio Kasato Maru aportou em Santos com a sua carga de 772 japoneses. Desde então, existe uma sutileza a ser assinalada, mesmo sem considerar as condições iniciais dos contratos de trabalho e as conjunturas políticas quando, em 1942, o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, aliado no combate ao Eixo, que incluía o Japão. Independentemente da concretitude da realidade social e política, existe o não dito, o sugerido, o esboçado. Há a contribuição específica contida nas formas criadas, a magnífica contribuição japonesa à nossa arte.

Certamente poderíamos apontar a influência decisiva da arte japonesa na criação da arte moderna ocidental. Não teríamos o Impressionismo, tal como o conhecemos, não fosse o decisivo exemplo de uma arte que considerava o mundo em si mesmo, a autonomia do desenho e da cor numa visualidade que privilegiava o aparentemente simples, o cotidiano, e o destacava como um valor em si mesmo. Essa postura despida de ideologia e de uma visão intelectual preconcebida revelou a essência da arte e nos fez singrar o caminho de uma expressão artística de liberdade. Mas talvez tudo isso já seja excessivamente sabido.

No Brasil, a qualidade dessa arte nos enriqueceu de duas maneiras claras. A primeira foi a presença dos artistas japoneses e de seus descendentes. Ainda impregnados de tradição, aumentaram a qualidade da nossa arte com a sua experiência gráfica, vivência tecnológica, a extrema sensibilidade cromática e a valorização de técnicas para a cerâmica de alta temperatura, elevada entre nós à condição de grande arte. A segunda contribuição se dá no campo do humanismo. Uma imigração diferenciada por idioma, costumes, aparência física, capaz de tantos feitos objetivos e de tanta qualidade social, expressa no respeito aos idosos e à família, contribuiu para intensificar a já grande tolerância brasileira.

Penso sempre numa frase marcante sobre essas questões, um conceito escrito pelo poeta Matsuo Bashô (1644-1694), magnificamente traduzido pelo poeta mexicano Octavio Paz, adaptada no Brasil pela poeta Olga Savary, do livro clássico *Sendas de Oku*: "Os meses e os dias são viajantes da eternidade. O ano que se vai e o que vem também são viajantes. Para aqueles que deixam flutuar suas vidas a bordo dos barcos, ou envelhecem conduzindo cavalos, todos os dias são viagem e sua casa mesmo é viagem".

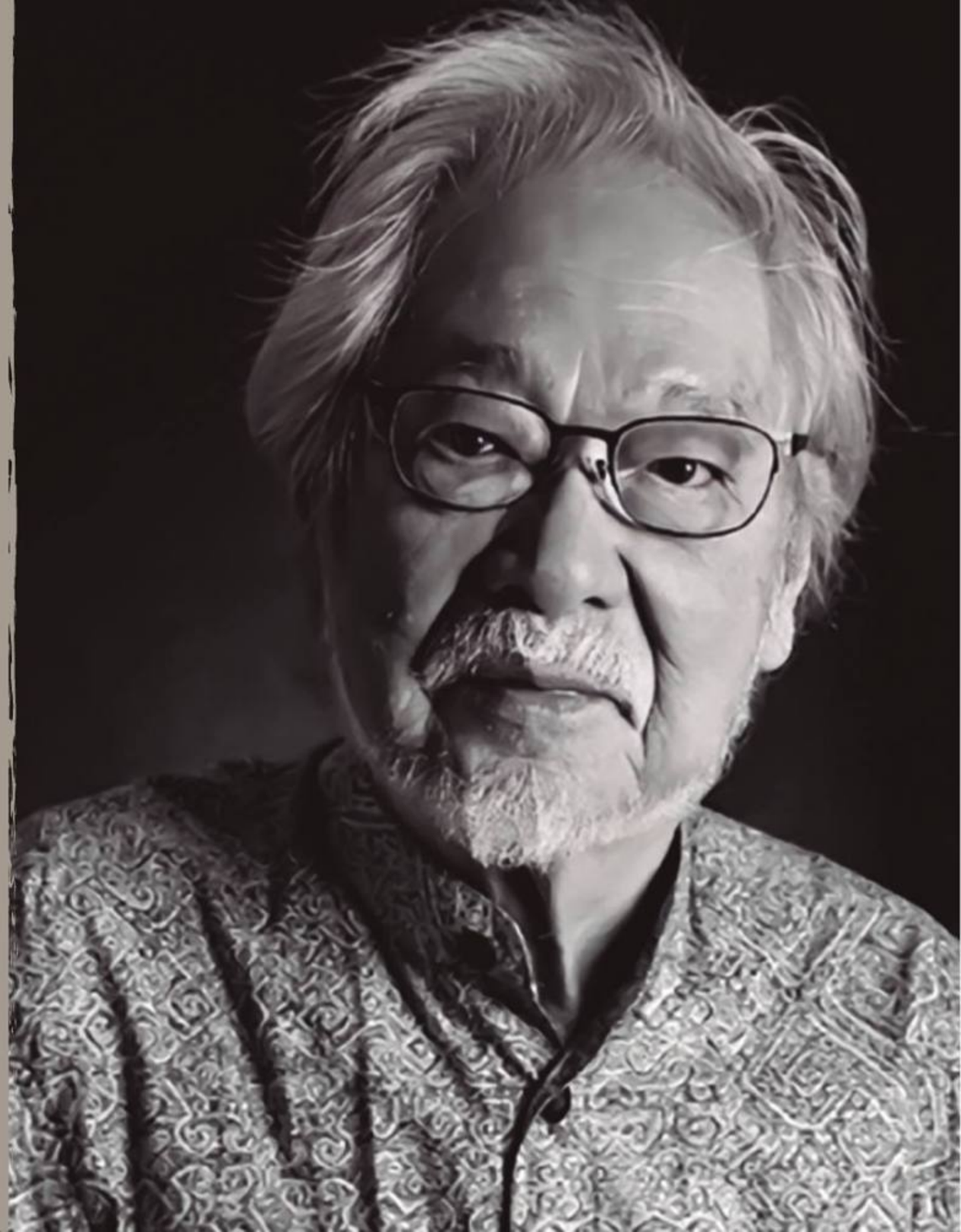
Jacob Klintowitz



Jacob Klintowitz e Yutaka Toyota, lançamento do livro no Clube Atlético Monte Líbano, 2019

フラヴィヲ志郎

FLÁVIO SHIRÓ





O retrato do ser humano.
Flávio Shiró.

O impacto das pinturas de Flávio Shiró Tanaka é imediato. Lá está uma percepção do ser humano e da vida, existências envoltas em densa camada de traços e aproximações. Sempre dá a sensação de que estamos conferindo uma luta intensa.

Certamente o modo expressionista, em regra, comporta essa dramaticidade. No caso de um artista de tanta capacidade expressiva, esse drama assume um caráter de paradigma. Shiró é um mestre. Lembro-me de um almoço que tivemos no seu apartamento em Paris. Shiró, com seu jeito calmo e introspectivo, preparou bifes malpassados. A curiosidade é que a carne foi escolhida pelo fotógrafo Carlos Freire, convicto vegetariano. Ficamos em convívio sereno, quatro brasileiros na Cidade Luz. A pintora Heloisa Freire, o excelente fotógrafo Freire, eu e o pintor Flávio Shiró, comedido, concentrado, que nos dizia que devemos aproveitar o dia e que não controlamos a vida e o tempo. Sensato conselho do autor da saga da tragédia da existência.

DADOS BIOGRÁFICOS

Flávio Shiró Tanaka (Sapporo, Japão, 1928). Pintor, gravador, desenhista e cenógrafo, chega ao Brasil em 1932 e instala-se com a família numa colônia japonesa em Tomé-Açu, no Pará. Reside em São Paulo a partir de 1940. Estuda na Escola Profissional Getúlio Vargas, onde conhece Octávio Araújo (1926-2015), Marcelo Grassmann (1925-2013) e Luiz Sacilotto (1924-2003).

Por volta de 1943, tem contato com Alfredo Volpi (1896-1988) e Francisco Rebolo (1902-1980) integrantes do Grupo Santa Helena. Em 1947, entra para o Grupo Seibi. No ano seguinte, trabalha na molduraria do pintor Tadashi Kaminagai (1899-1982). Com bolsa de estudo, viaja a Paris, onde permanece de 1953 a 1983.

Estuda mosaico com Gino Severini (1883-1966), gravura em metal com Johnny Friedlaender (1912-1992) e litografia na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts [Escola Nacional Superior de Belas Artes]; e frequenta o ateliê de Kumi Sugai (1919-1966) e Yasse Tabuchi (1921-2009).

Na década de 1960, participa do movimento artístico brasileiro e integra o Grupo Austral (Movimento Phases) de São Paulo. Dedica-se à abstração informal desde a década de 1950. A partir dos anos 1970, suas telas apresentam sugestões de figuras, por vezes seres fantásticos.



Flávio Shiró
Sem Título, déc. 60
guache sobre papel colado em madeira
50 x 65 cm
assinatura inf. dir.



Flávio Shiró
Sem título, 1968
óleo cartão colado em eucatex
64 x 49 cm
assinatura inf. dir.

Participou das exposições: "De Ukiyo ao Manga nos 100 anos de imigração", Espaço Cultural BMF & Bovespa, de 11 de agosto a 19 de setembro, 2008; "Flávio Shiró" Pinakotheke Cultural, Rio de Janeiro, 2018. Reproduzido no catálogo da mostra, p. 124.



Flávio Shiró
Sem Título, 1983
técnica mista sobre papel
65 x 49 cm
assinatura sup. esq.



Flávio Shiró
Gênesis II, 1986
óleo sobre tela
72 x 194 cm
assinatura inf. esq.

Assinado, datado e localizado "Flávio - Shiró Gênesis II Paris 1986" no verso. Etiqueta da Galeria Paulo Figueiredo.



Flávio Shiró
Erosão x Tempo, 1989
óleo sobre tela
125 x 246 cm
assinatura inf. dir.



Flávio Shiró
Portigo de Praga, 1999
óleo sobre tela
128 x 130 cm
assinatura no verso



Flávio Shiró
Tête - 151, 2009-2010
óleo sobre cartão
42 x 26 cm
assinatura no verso

Assinado e datado "Flavio Shiró 2009-10"no verso. Participou da exposição "Flávio Shiró" Pinakotheke Cultural, Rio de Janeiro, 2018. Reproduzido no catálogo da mostra p.172. Universidade de São Paulo.

森ジョルジ

JORGE MORI



Mori

A pintura como perfeição.
Jorge Mori.

Mori preferiu nos deslumbrar com a sua técnica perfeita, com o seu senso de observação, com a sua capacidade de representar o cotidiano, o aparente, o convencional e, ao mesmo tempo, de conferir à essa imagem a perenidade. É uma escolha do artista que domina o seu fazer. Uma precisão, qualidade que fazia com que ele se qualificasse como uma expressão metafísica da realidade. Tão parecida, precisa, que logo se via que não era convencional, que nada nele era opção pela facilidade, que nada nele o poupava de buscar a exatidão. A sua pintura restabelece a fisionomia do cotidiano. Tão preciso que parecia o inventário de um mundo novo.

DADOS BIOGRÁFICOS

Jorge Mori (São Paulo, SP, Brasil, 1932 – idem, 2018). Pintor, desenhista e gravador, inicia seus estudos de pintura em 1944 com Yoshiya Takaoka (1909-1978). Quando tinha 15 anos, em 1947, acontece sua primeira exposição individual na Galeria Ita, na capital paulista. Participa do Grupo Guanabara entre 1950 e 1952. É o artista mais jovem a marcar presença na Bienal de São Paulo em 1951.

Em 1952, viaja a Paris para estudar técnicas de pintura, mosaico e afresco. Embora tenha frequentado inicialmente as academias francesas, acaba por dedicar-se autodidaticamente aos estudos copiando obras clássicas no Museu do Louvre a fim de aprender as técnicas de grandes mestres, como Sandro Botticelli (1445-1510), Fra Angelico (1395-1455) e Paolo Uccello (1397-1475), dentre outros. Em 1960, retorna à França para pesquisar a utilização da técnica clássica de glacis, onde permanece por 19 anos, quando volta a viver no Brasil.



Jorge Mori
Frutas, 1951
óleo sobre cartão colado sobre madeira compensada
37 x 45 cm
assinatura no verso



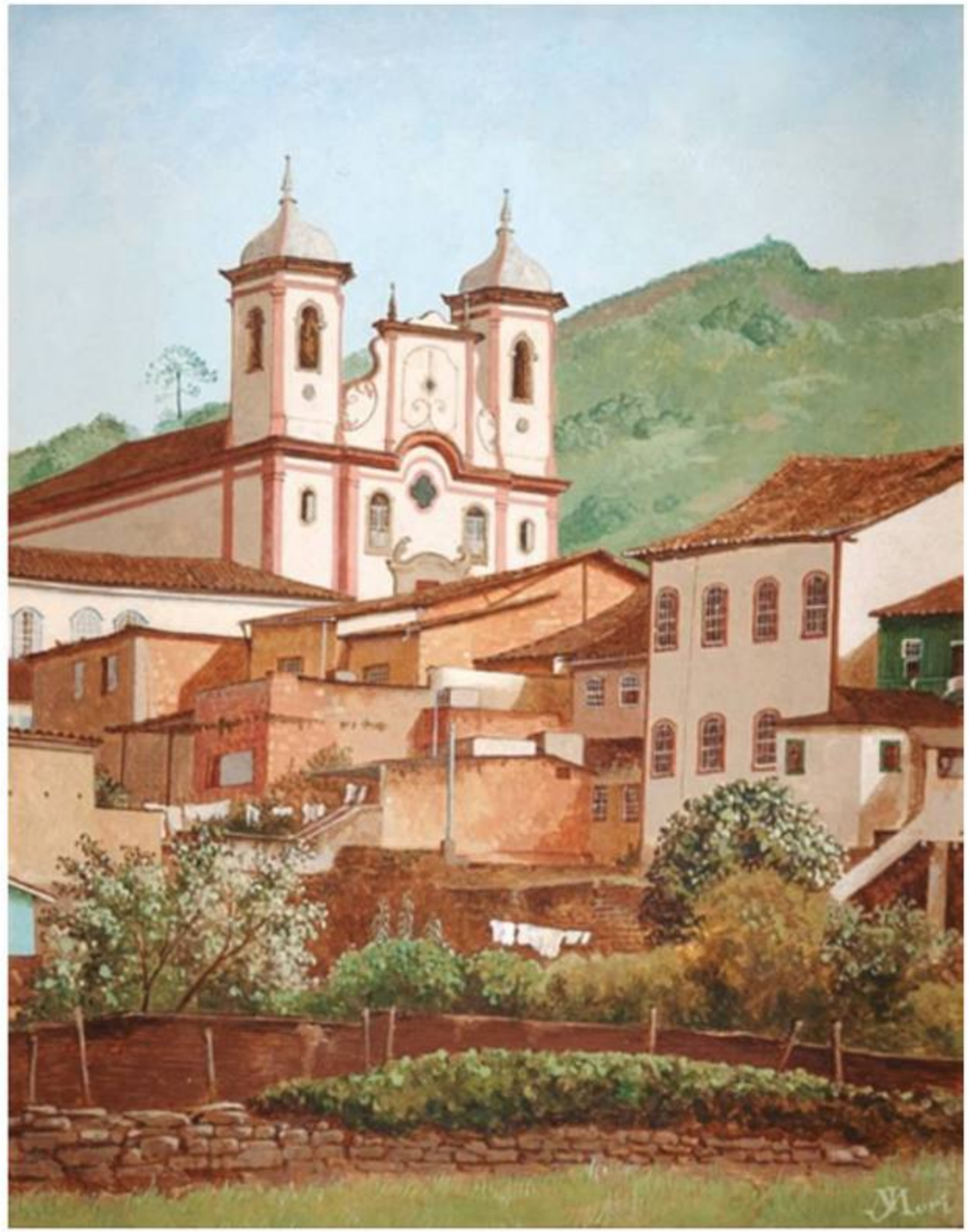
Jorge Mori
Buquê de Girassóis, 1951
óleo sobre tela
57 x 46 cm
assinatura no verso



Jorge Mori
Paraibuna
óleo sobre placa
33 x 55 cm
assinatura inf. esq.



Jorge Mori
La Lieutenance Honfleur
óleo sobre placa
27 x 22 cm
assinatura inf. dir.



Jorge Mori
Ouro Preto
óleo sobre placa
24 x 19 cm
assinatura inf. dir.



Jorge Mori
Vuede Mazange
óleo sobre placa
33 x 55 cm
assinatura inf. esq.



Jorge Mori
Moringa e Frutas
óleo sobre cartão francês
38 x 55 cm
assinatura inf. centro

若林和男

KAZUO WAKABAYASHI



Wakabayashi

O Oriente e o Ocidente juntos.
Kazuo Wakabayashi.

Kazuo Wakabayashi é um artista que realiza a síntese de símbolos japoneses e brasileiros, um renovador da iconografia por meio da simbiose de duas narrativas. Amigo da força do traço, das formas bem sinalizadas, de texturas e da harmonia. No seu trabalho, fortemente cromático e com formas bem definidas, Wakabayashi consegue conciliar no mesmo espaço a tradição visual oriental com a vivência da visualidade ocidental. Essa coexistência de diferentes é extraordinária. Temos a sensação de um universo em transformação e que é, ao mesmo tempo, permanente.

No velório do nosso amigo Aldemir Martins (1922-2006), Wakabayashi e eu ficamos, em certo momento, lado a lado. Isolados, contemplamos o espaço deserto, a luz cegante do Sol, e o silêncio nos envolveu. Durante longo período, não saberia dizer quantos minutos, pensamos no generoso amigo. Ainda em silêncio retornamos. Tínhamos feito a nossa oração.

DADOS BIOGRÁFICOS

Kazuo Wakabayashi (Kobe, Japão, 1931). O pintor, em 1944, estuda na Escola Técnica de Hikone, em Shiga, Japão. Entre 1947 e 1950, frequenta a Escola de Belas Artes e a Academia Niki, em Tóquio, e as aulas de desenho e pintura de Konosuke Tamura (1903-1996). De volta a Kobe, prepara-se para ingressar na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Tóquio, porém abandona o curso em 1950, voltando-se para a pintura.

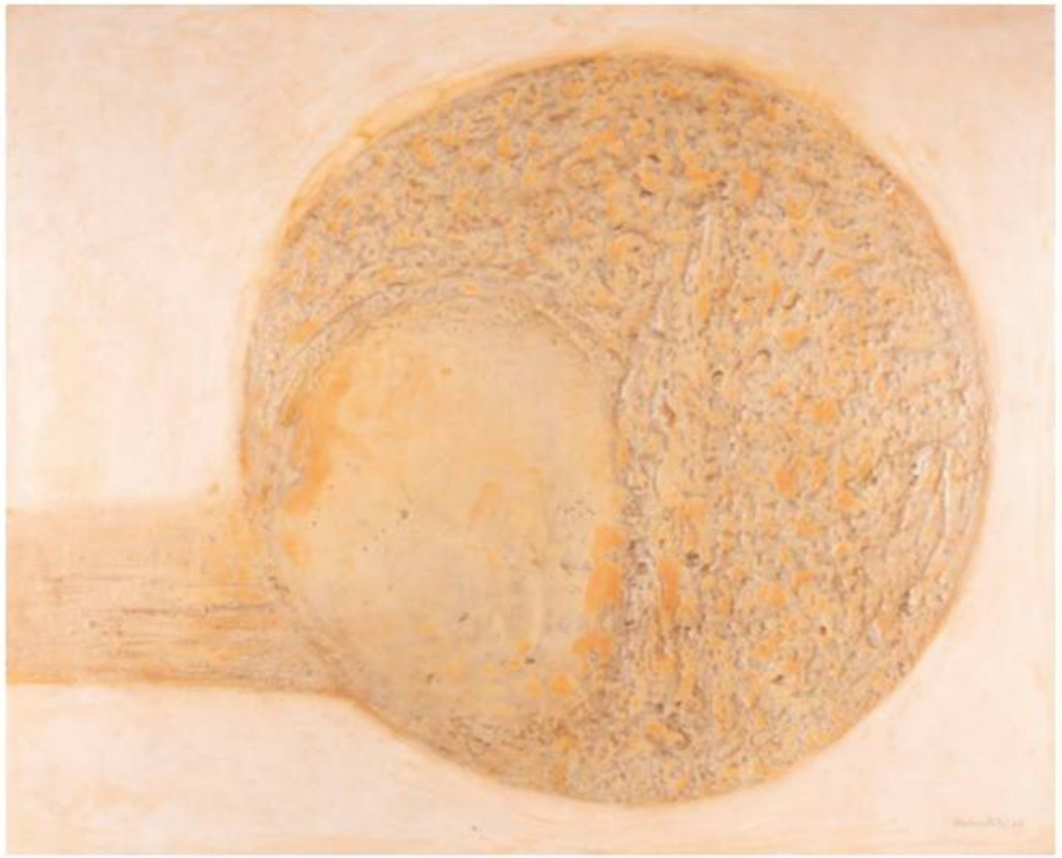
Em 1953, torna-se membro do Grupo Seiki e publica álbum de pinturas e poesias e, no ano seguinte, participa do Grupo Delta e faz ilustrações para os jornais *Shinko Shimbun* e *All Sports*. Entre as décadas de 1940 e 1960, participa de salões japoneses recebendo prêmios em 1947, 1950, 1954 e 1959.

Em 1961, transfere-se para a capital paulista e torna-se membro do Grupo de Artistas Plásticos de São Paulo - Seibi, apresentado por Manabu Mabe (1924-1997) e Tomie Ohtake (1913-2015). Dois anos depois, recebe medalha de ouro tanto no 12° Salão Paulista de Arte Moderna como no 7° Salão do Grupo Seibi.



Kazuo Wakabayashi
Abstrato, 1967
óleo sobre tela
145 x 96 x 2 cm
assinatura inf. centro

MAURICIO, Jayme. Kazuo Wakabayashi. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1992, pág. 63.



Kazuo Wakabayashi
Sem Título, 1967
óleo sobre tela
88 x 110 cm
assinatura inf. dir.

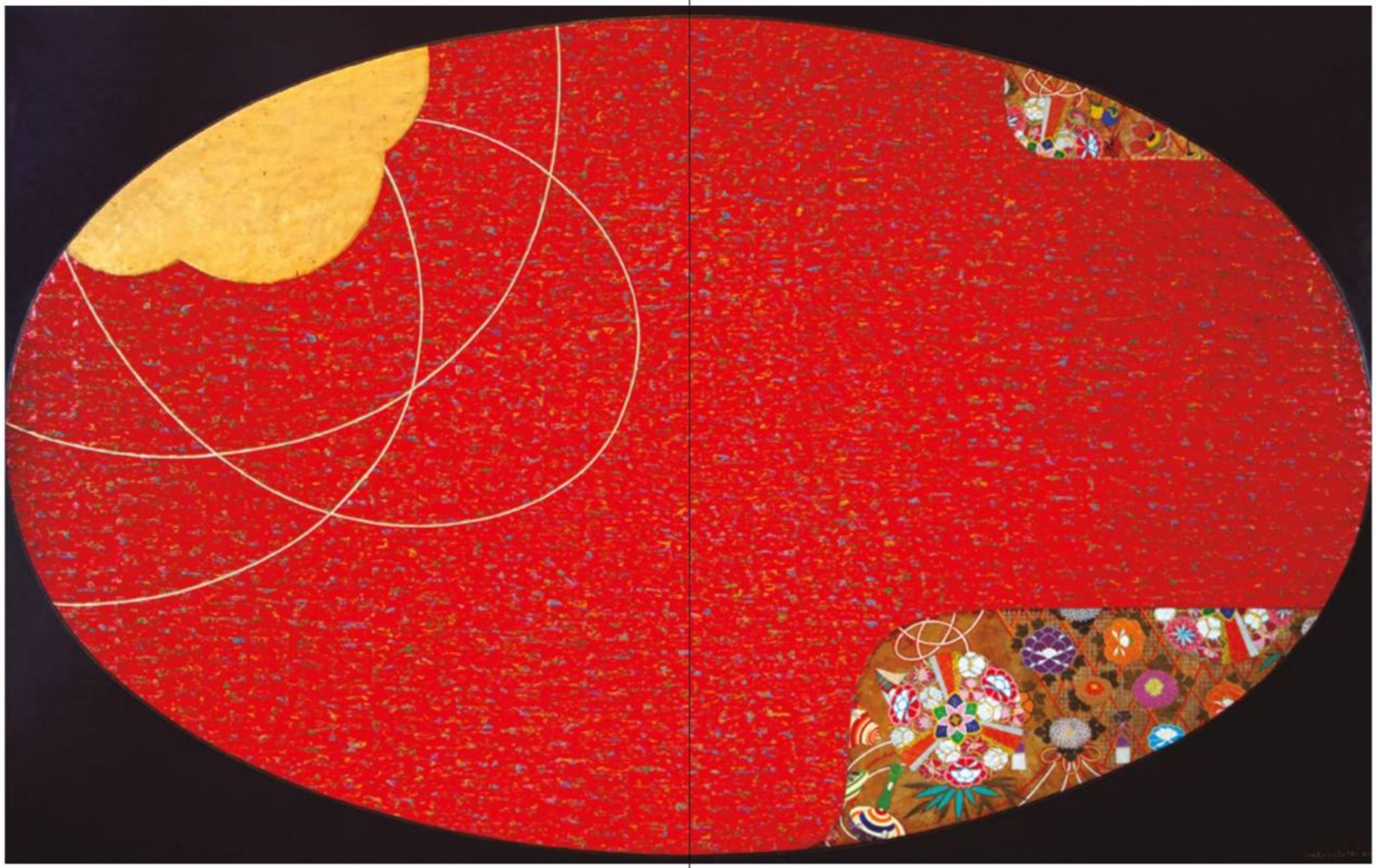


Kazuo Wakabayashi
Abstrato, 1977
óleo sobre tela
117 x 117 cm
assinatura sup. dir.



Kazuo Wakabayashi
Três Figuras no Negro, 1982
óleo sobre tela colado em madeira
80 x 110 cm
assinatura no verso

Etiqueta do Museu de Arte Brasileira Fundação Armando Alvares Penteado. Figurou na Exposição "Herança do Japão - Aspectos das Artes Visuais Nipo - Brasileiras. Etiqueta do Museu de Arte Moderna de São Paulo - "Panorama de Arte Atual Brasileira". Etiqueta do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.



Kazuo Wakabayashi
Sem Título, 2011
óleo sobre tela colado em madeira
150 x 240 cm
assinatura inf. dir.



Kazuo Wakabayashi
Sem Título
óleo sobre tela
73 x 104 cm
assinatura inf. dir.



Kazuo Wakabayashi
Sem Título
óleo sobre placa
20 x 24,5 cm

間部学

MANABU MABE



MABE

A natureza intima da matéria.
Manabu Mabe.

Não nos falamos, não nos olharmos, não dissemos nada um para o outro e, no entanto, naquela tarde na Casa da Manchete (na esquina da Rua Groenlândia com Av. Europa, na capital paulista) vivemos um momento de extrema intimidade. Mabe pintava, eu estava imóvel, e um cinegrafista tinha a câmera fixa focada no artista, como um palco do teatro italiano. Era uma matéria para a TV Manchete. Ao invés de muitas perguntas, o nosso desejo era o de registrar o próprio ato de criação. Mabe ignorava a câmera.

Durante 30 minutos, ele respirou e o seu braço e o seu pincel obedeceram a esse ritmo compassado. A sua pintura era a manifestação da sua vitalidade, do seu ritmo, da sua existência. Ali estava o pintor da abstração lírica a se desnudar, a nos dizer o seu segredo. Colorista extraordinário, artista de gestos, o mestre que encantou a arte brasileira. Um artista gestual e a natureza do gesto.

DADOS BIOGRÁFICOS

Manabu Mabe (Kumamoto, Japão, 1924 – São Paulo, SP, Brasil, 1997). Aos 10 anos, o pintor muda-se de Kobe, Japão, com a família para uma lavoura de café no Brasil. Em 1947, em viagem a São Paulo, conhece o pintor Tomoo Handa (1906 -1996), que o incentiva a ter a natureza como fonte de inspiração. No ano seguinte, estuda com o pintor Yoshiya Takaoka (1909-1978), que lhe transmite ensinamentos técnicos e teóricos sobre pintura. Nesse período, integra o Grupo de Artistas Plásticos de São Paulo - Seibi e participa das reuniões de estudos do Grupo 15, com Yoshiya Takaoka, Shigeto Tanaka (1910-1970) e Tomoo Handa.

Na 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, entra em contato com obras de artistas da Escola de Paris, como Jean Claude Aujame (1905-1965), André Minaux (1923-1986), André Marchand (1907-1997) e Bernard Lorjou (1908-1986). Essa experiência, segundo o artista, modifica sua forma de pensar e sua atitude perante a pintura. Nessa década, participa das exposições organizadas pelo Grupo Guanabara.

No começo dos anos 1950, apresenta em suas telas formas geometrizadas, aproximando-se do cubismo, e figuras contornadas por grossos traços negros. Gradualmente, adere à abstração e, em 1955, pinta sua primeira obra abstrata, *Vibração-Momentânea*. A produção do artista passa a dialogar com a obra do pintor espanhol Pablo Picasso (1881-1973) e a de Candido Portinari (1903-1962), por quem manifesta forte admiração, como podemos observar em *Carregadores* (1953) ou *Colheita de Café* (1956). Em 1957, vende seu cafezal na cidade paulista de Lins e se muda para a capital para se dedicar exclusivamente à pintura.

Em 1959, participa da 5ª Bienal Internacional de São Paulo, com as obras *Composição Móvel*, *Pedaço de Luz* e *Espaço Branco*, recebe o prêmio de Melhor Pintor Nacional e também é premiado na 1ª Bienal dos Jovens de Paris. A revista *Time* dedica-lhe um artigo, intitulado The year of Manabu Mabe [O ano de Manabu Mabe]. Em 1960, é premiado mais uma vez, na 30ª Bienal de Veneza.



Manabu Mabe
Peixe, Prato e Chaleira, 1953
óleo sobre tela
32 x 40 cm
assinatura inf. esq.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob o nº 2789. Certificado de autenticidade nº 0982.



Manabu Mabe
Série Cafezal, 1958
óleo sobre tela
75 x 170 cm
assinatura inf. dir.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 1158.



Manabu Mabe
Nº 213, 1961
óleo sobre tela
68 x 96 cm
assinatura inf. dir.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2736. Certificado de autenticidade 0982.



Manabu Mabe
Abstração Fundo Vermelho, 1961
óleo sobre tela
185 x 200 cm
assinatura no verso

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2780.



Manabu Mabe
AB 170, 1962
óleo sobre tela
100 x 100 cm
assinatura inf. dir.

Catalogado no Instituto Manabu Mabe sob nº 2781.
Participou da exposição "Mabe", texto no catálogo, Giuseppe Marchiori, Galleria Il Canale (Veneza, Itália) de 11 a 21 de setembro de 1962.



Manabu Mabe
AB 147, 1962
óleo sobre tela
55 x 45 cm
assinatura inf. dir.

Catalogado no Instituto Manabu Mabe sob nº 2782.



Manabu Mabe
Sem título, 1964
óleo sobre tela
46 x 38 cm
assinatura inf. esq.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2589. Certificado de autenticidade nº0816. Reproduzido no catálogo da Exposição "A Arte de Yoshino Mabe", São Paulo, 2021, pág. 15.



Manabu Mabe
Rei do Mar, 1968
óleo sobre madeira
185 x 130 cm
assinatura inf. dir.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2783.



Manabu Mabe
Sem Título, 1969
óleo sobre tela
80 x 100 cm
assinatura inf. esq.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2784.



Manabu Mabe
Imigrantes, 1973
óleo sobre tela
77 x 86 cm
assinatura inf. esq.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2571. Certificado de autenticidade 0798.



Manabu Mabe
Canção do Imigrante, 1978
óleo sobre tela
180 x 250 cm
assinatura inf. dir.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2562. Certificado de autenticidade nº 0793. Participou da exposição itinerante individual: "Manabu Mabe", National Museum of Art Osaka; Kamakura Museum of Art Kumakura; Kumamoto Museum of Art Kumamoto, Japão, 1978. Exposição Itinerante Manabu Mabe: Brasil - Cores Vibrantes, Museu de Arte da Prefeitura de Kumamoto, Museu de Arte da Prefeitura de Gifu, Loja Yamato, Nigata, Museu de Arte de Hiroshima, Museu de Arte Odakyu, Tokyo, Japão, 1996. Reproduzido no catálogo da mostra pág. 57. Participou da exposição: Chove no Cafezal, Museu da Casa Brasileira (MCB), São Paulo, 2001. Reproduzida nos livros: Mauricio, Jayme; Sicre, José Gómez; Wolff, Theodore F.; Kawabata, Yasunari; Okamoto, Taro; Kaneko, Hideo. Introdução de Pietro Maria Bardi. "Manabu Mabe: Vida e Obra", São Paulo, 1986. pág. 235; Shimbun, Nihon Keizai . Mabe: Chove no Cafezal- Vida e Obra. São Paulo: Banco América do Sul, 1998.



Manabu Mabe
Chuva de Primavera, 1980
óleo sobre tela
180 x 200 cm
assinatura inf. dir.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2785.



Manabu Mabe
Akogare (Esperança), 1984
óleo sobre tela
180 x 200 cm
assinatura inf. dir.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 1025.
Maurico, Jayme."Manabu Mabe 1984", Rio de Janeiro, Paris, Londres: Realidade Galeria de Arte,1984. pág. 15.
Mauricio, Jayme; Sicre, José Gómez; Wolff, Theodore F.; Kawabata, Yasunari; Okamoto, Taro; Kaneko, Hideo. Introdução de Pietro Maria Bardi. "Manabu Mabe: Vida e Obra", São Paulo, 1986, pág. 313.



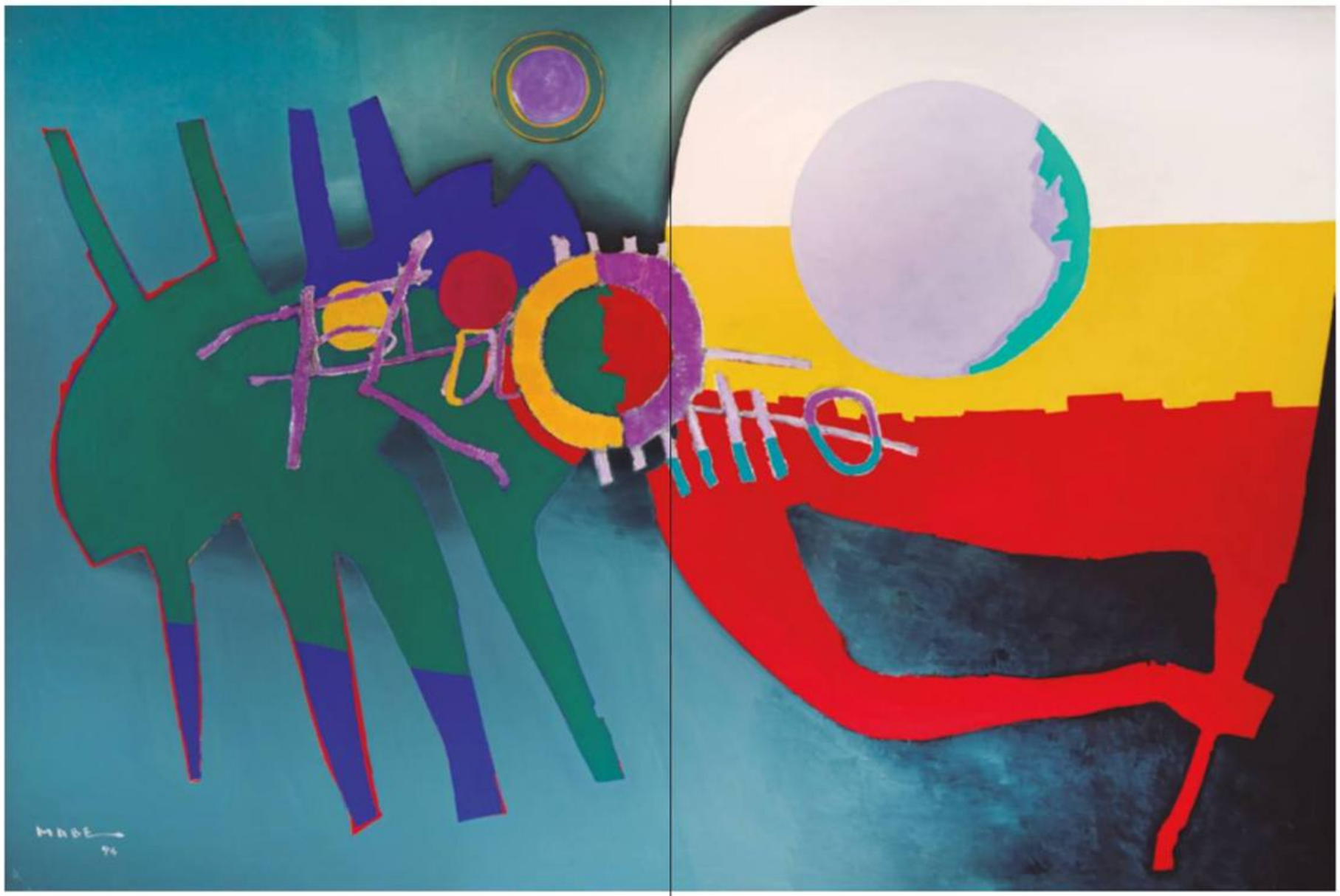
Manabu Mabe
Sem Título, 1986
óleo sobre tela
51 x 51 cm
assinatura inf. dir.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2786.



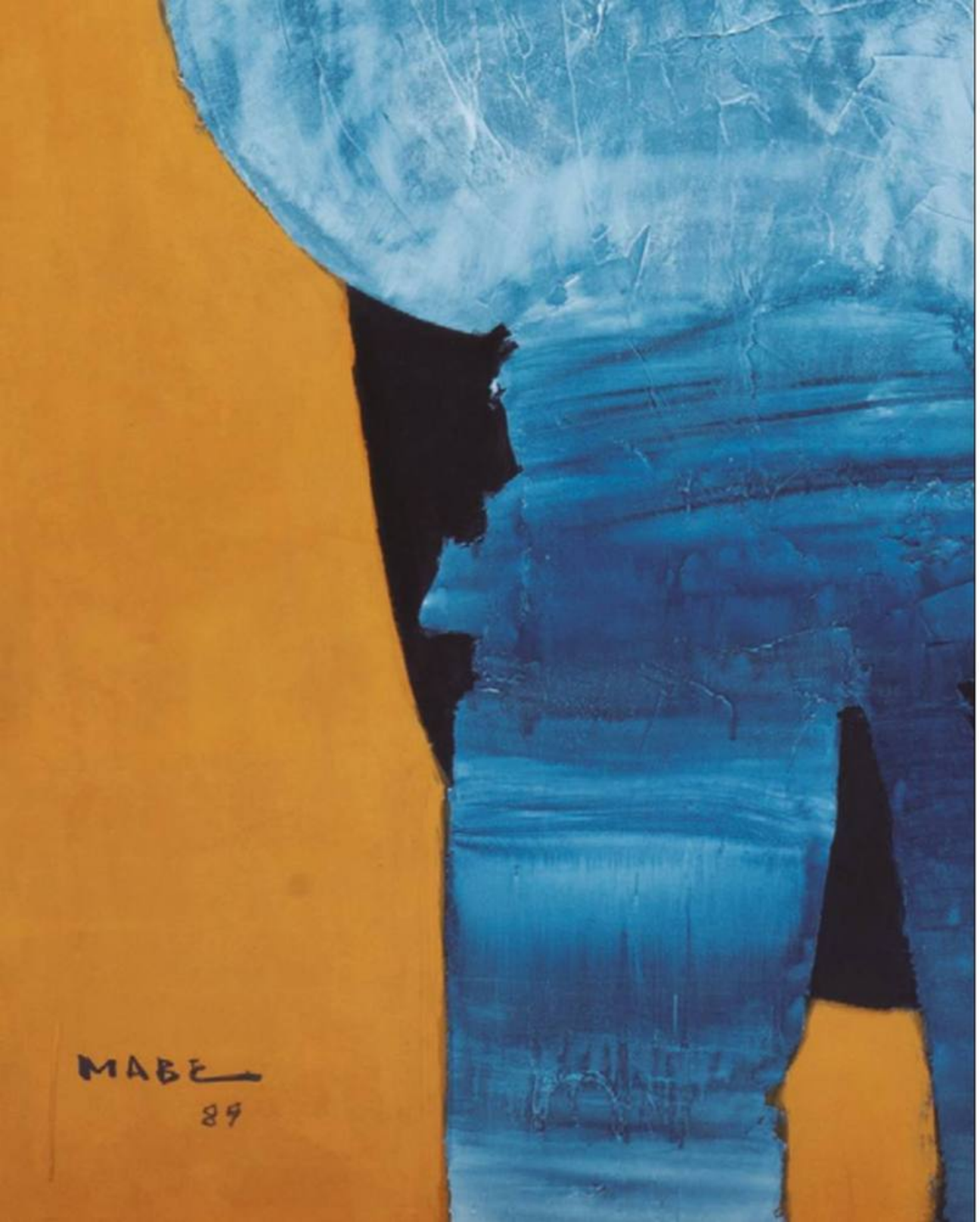
Manabu Mabe
Poder, 1988
óleo e acrílica sobre tela
178 x 190 cm
assinatura inf. dir.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2791. Participou da exposição Itinerante: Manabu Mabe: Brasil - Cores Vibrantes, Museu de Arte da Prefeitura de Kumamoto, Museu de Arte da Prefeitura de Gifu, Loja Yamato, Nigata, Museu de Arte de Hiroshima, Museu de Arte Odakyu, Tokyo, Japão, 1996, reproduzido no catálogo da mostra pág. 74.



Manabu Mabe
Sem Título, 1994
óleo sobre tela
200 x 300 cm
assinatura inf. esq.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2790. Participou da exposição Itinerante: Manabu Mabe: Brasil - Cores Vibrantes, Museu de Arte da Prefeitura de Kumamoto, Museu de Arte da Prefeitura de Gifu, Loja Yamato, Nigata, Museu de Arte de Hiroshima, Museu de Arte Odakyu, Tokyo, Japão, 1996, reproduzido no catálogo da mostra pág. 90 e 91.





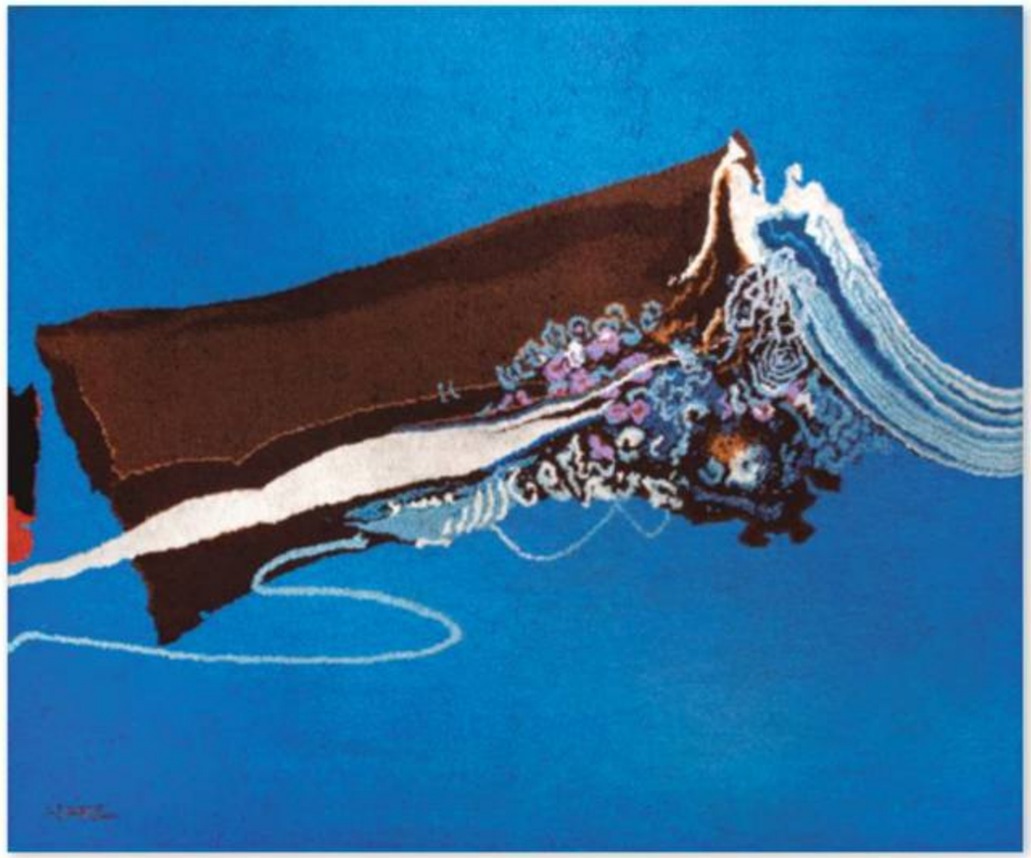
Manabu Mabe
Sem Título, 1989
óleo sobre tela
190 x 177 cm
assinatura inf. esq.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2787.



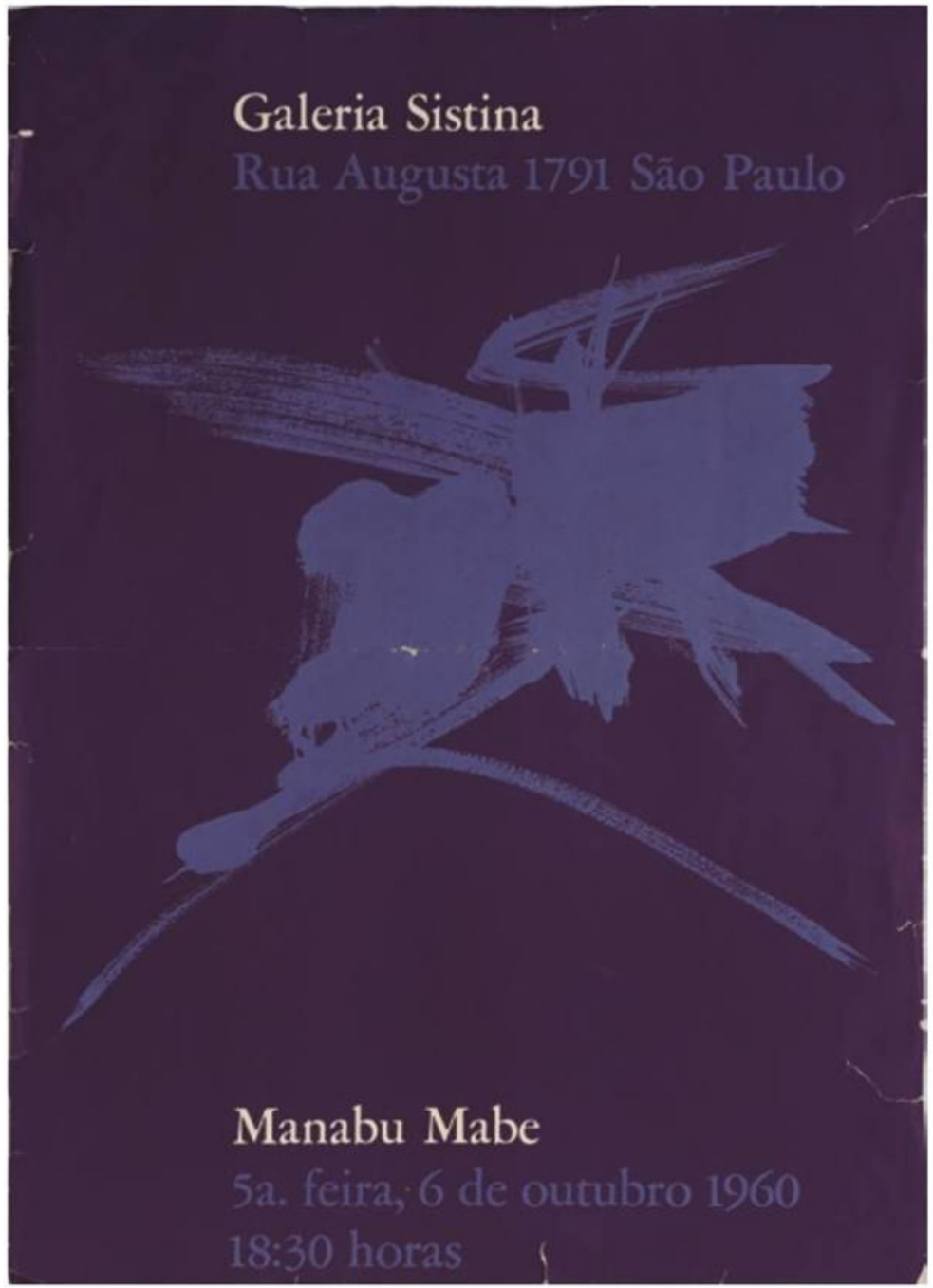
Manabu Mabe
Sem Título
óleo sobre tela
50 x 49 cm
assinatura inf. esq.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2788.

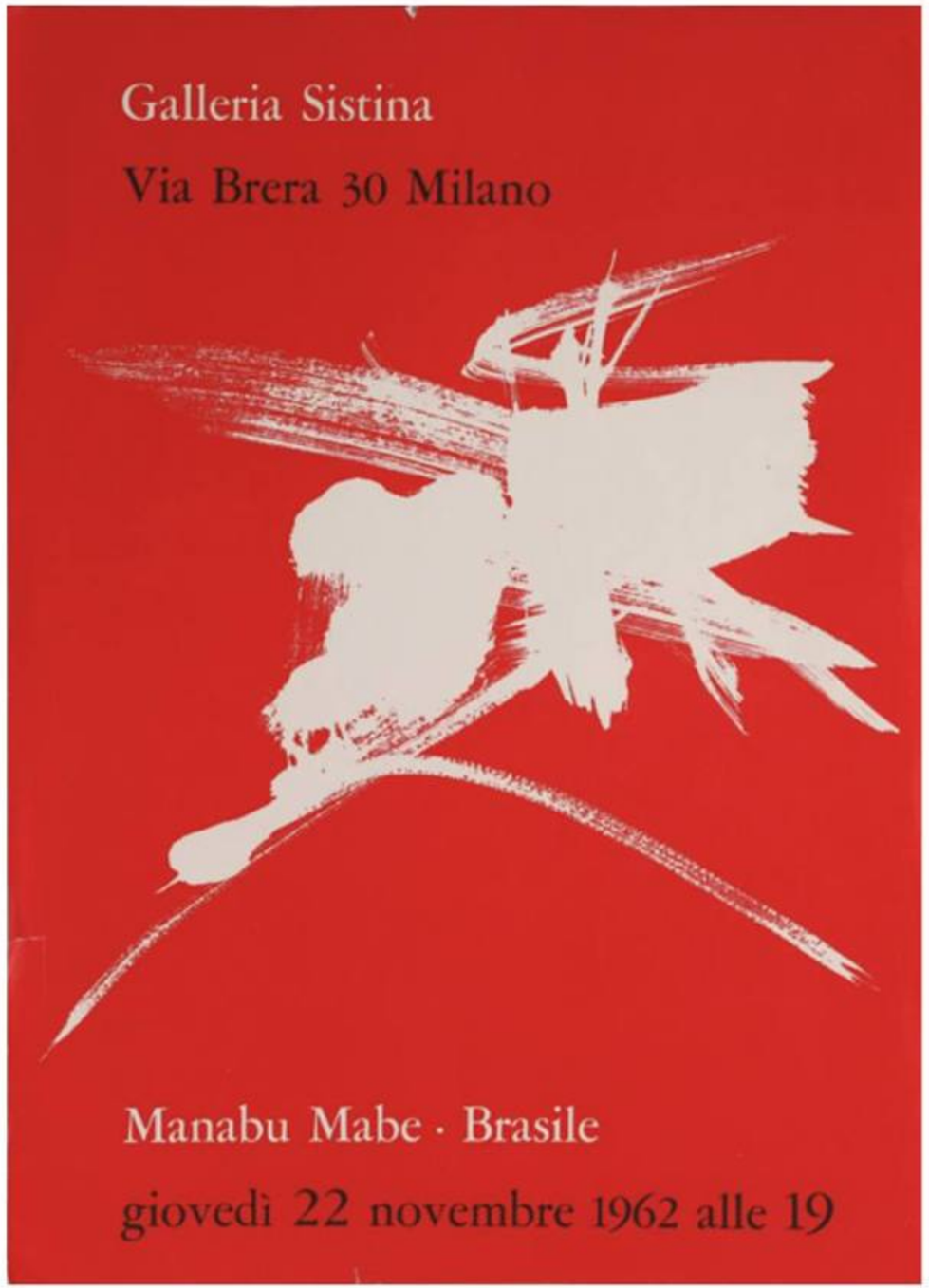


Manabu Mabe
Sem Título
tapeçaria
160 x 188 cm
assinatura inf. esq.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2644. Certificado de autenticação nº0883.



Pôster da Galleria Sistina de 6 de outubro de 1960



Pôster da Galleria Sistina de 22 de novembro de 1962



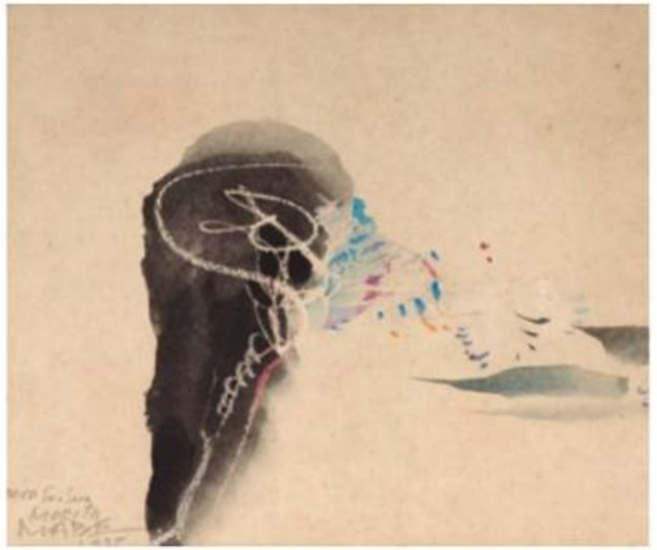
Manabu Mabe
Composição, 1948
óleo sobre madeira
31 x 41 cm

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2713.



Manabu Mabe
Sem Título, 1953
óleo sobre tela
38 x 45 cm
assinatura inf. dir.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2716.



Manabu Mabe
Sem Título, 1975
técnica mista sobre shikishi
24 x 27 cm
assinatura inf. esq.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2715.
Com dedicatória para Sr e Sra Morita.



Manabu Mabe
Canção do Amanhecer, 1980
óleo sobre tela
46 x 53 cm
assinatura inf. esq.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2760.



Manabu Mabe
Abstrato, 1981
óleo sobre tela
53 x 65 cm
assinatura inf. esq.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2761.



Manabu Mabe
Rio Scenes, 1981
óleo sobre tela
24 x 33 cm
assinatura inf. esq.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2764.



Manabu Mabe
Abstrato, 1990
óleo sobre tela
53 x 65 cm
assinatura inf. esq.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2763.



Manabu Mabe
Mihosan He, 1991
óleo sobre tela
16 X 22 cm
assinatura inf. esq.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2762.



Manabu Mabe
Sem Título, 1994
óleo sobre tela
51 x 51 cm
assinatura inf. esq.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2758.



Manabu Mabe
Sol de Verão, 1996
óleo sobre tela
38 x 46 cm
assinatura inf. dir.

Catalogada no Projeto do Instituto Manabu Mabe sob nº 2759.



BRAZIL'S MABE & PAINTING: A PRIVATE OBSESSION TURNED TO GOLD

The Year of Manabu Mabe

A year ago short, lank-haired Manabu Mabe was a familiar but furtive peddler on the streets of Brazil's metropolitan (pop. 3,650,000) São Paulo. His wares: his own hand-painted ties, priced from 85¢ to $1.15. "It was embarrassing and illegal," Mabe confesses. "I had no peddler's license, but they sold fast." Only at night did Manabu Mabe indulge his private obsession, squandering his money on oil and canvases, sitting up, often until dawn, to paint large, calligraphic abstractions. Suddenly this year the whirlwind of artistic success sucked 35-year-old Manabu Mabe into its embrace, tossed him sky-high and made him not only the toast of Brazil but the season's brightest new art discovery.

First had come the top award in São Paulo's Contemporary Art Salon. Then in September, at the prestigious São Paulo Bienal, the jury picked unsung Manabu Mabe for the $1,150 award as Brazil's best painter. This month Mabe ventured into the European arena and walked off with top honors at Paris' first biennial (for painters under 35): the Prix Braun for the best "painter in oils" and a six months' scholarship for study in Paris. Manabu Mabe, a Japanese-born farm hand who had sold only one painting in his life (for $12 to a friend), found himself with a sellout show in Rio de Janeiro; dealers from Caracas, Paris, New York and Rome were plying him with offers.

Father's Tragedy. Back in Japan, Manabu's father had been a prosperous ferryboat owner and hotelkeeper (the House of Flowers). But when Manabu was seven, father fell on evil times. "A Japanese father never explains business affairs to the family," Mabe recalls, "but I knew something terrible had happened. My father was bankrupt and humiliated." His father tried first being a barber, then finally decided to move to Brazil. The family made the 50-day trip in steerage, and father became a contract laborer on a São Paulo coffee plantation.

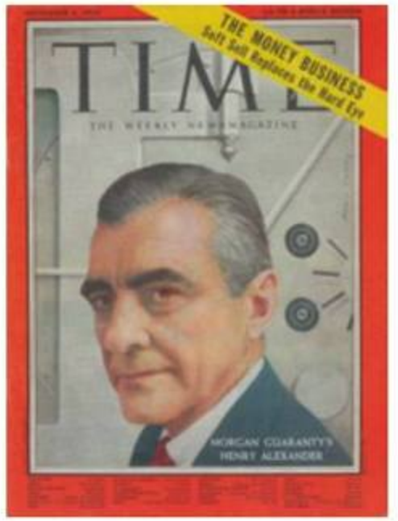
Little Manabu tended rice and vegetables between the rows of coffee trees, gradually grew husky enough to tote the 88-lb. coffee sacks. He taught himself to read Portuguese at night by kerosene lamplight, hoarded scraps of paper to make sketches on. But the heavy farm work, plus malaria and amoebic dysentery, bore down relentlessly on the family. The father proved too thin and weak for field work, devoted his waning life to drinking *pinga* (sugar-cane spirits), finally died of cancer. Mabe, the eldest of the seven children, borrowed enough money to become a small-time farmer, struggled to keep the family alive and intact while he grabbed spare moments to paint—first copying calendars, then endlessly sketching his sister Yoshiko. When Mabe married eight years ago, his father-in-law forced him to sign a contract to paint no more ("a foolish extravagance").

Off to Paris. The first tentative recognition came in 1951, when a single early painting of Mabe's was accepted for Rio's National Salon. The honor was enough to make Mabe's father-in-law relent, and Mabe began to paint again. Two years ago he decided to make the break, sold out the family's small plot of land at a loss and set off for São Paulo to paint, and sell ties. On his own, he developed his present style, in which a basic, slashing, abstract expressionist manner is given style by hints of the elegant lines of Japanese calligraphy and architecture.

By last week Artist Mabe had paid off the last of his old farm debts, and packed his bags for Paris. "I've given my brother-in-law the tie business," he said happily. "I'm a painter now, a real painter!"

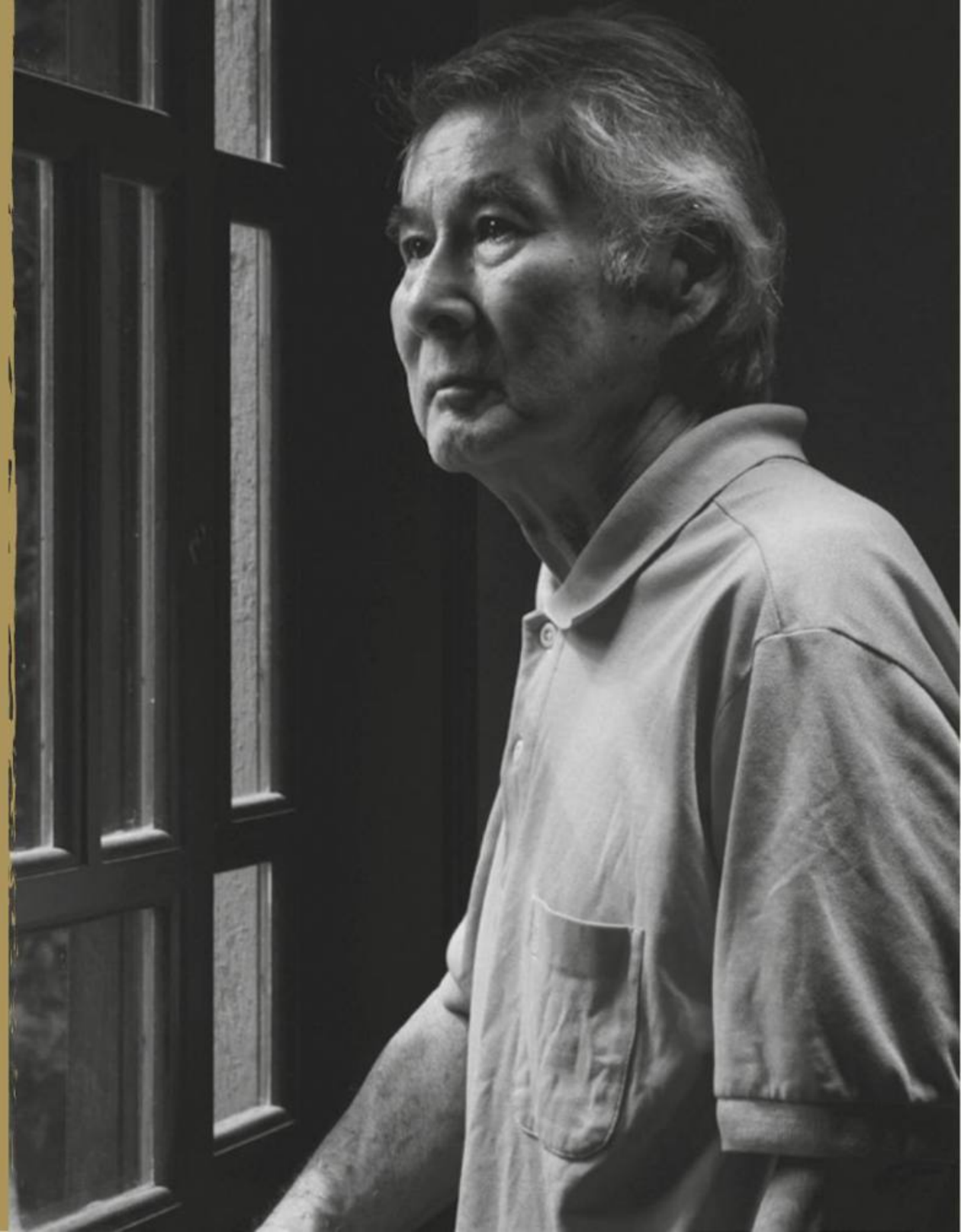
Matéria: The Year of Manabu Mabe

Revista Time - The Weekly News Magazine de 2 de novembro de 1959



湯浅恵

MEGUMI YUASA



Megumi

A pedra que sonhou ser cosmo.
Megumi Yuasa.

O sonho da matéria.

O sonho do homem que desejou sonhar com a matéria e torná-la flutuante.

A pedra se transforma em cerâmica e a cerâmica cede espaço para a pedra se tornar fundadora do mundo. Juntos, num balé estático, pedra e cerâmica, cerâmica e pedra, irmanadas num único objeto, falam do nascimento das coisas. Origem e construção. Construção e origem. Tão simples. É o sonho da matéria que se autocomenta. Ela nos diz que tudo está conectado e tudo, ao mesmo tempo, é uma continuação do anterior. A origem já foi anteriormente origem e origem e origem. Assim se passa. É um universo em construção.

DADOS BIOGRÁFICOS

Megumi Yuasa (São Paulo, SP, Brasil, 1938). Escultor e ceramista, é autodidata, iniciando-se nas artes plásticas em 1960. Em 1971, frequenta por seis meses a Escola Brasil a convite de Luiz Paulo Baravelli (Carapicuíba, SP, Brasil, 1942). Faz pesquisa de materiais e técnicas, expondo esculturas e objetos em cerâmica no Brasil e no exterior.

Desde o início da carreira, exibe seu trabalho assiduamente, dando preferência a mostras coletivas. Yuasa está sempre presente nas mostras de artistas nipo-brasileiros, assim como nas exposições comemorativas da imigração japonesa no Brasil. Em 1979, inicia atividades como professor de cerâmica, às quais se dedica até hoje.

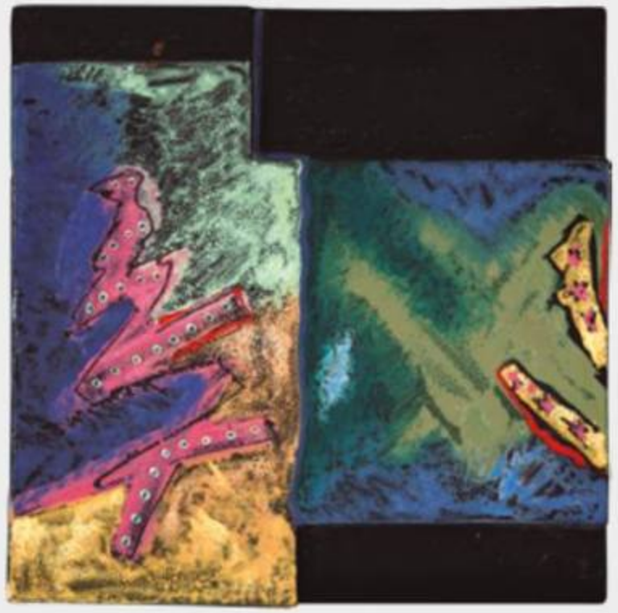


Megumi Yuasa
Sem Título
pintura sobre placa de cerâmica
35 x 35 cm
1990
assinatura na peça

| *Com marca do artista*



Megumi Yuasa
Sem Título
pintura sobre placa de cerâmica
40 x 40 cm
1990
assinatura inf. centro



Megumi Yuasa
Sem Título
pintura sobre placa de cerâmica
46 x 46 cm
1991
assinatura na peça



Megumi Yuasa
Sem Título
pintura sobre placa de cerâmica
45 x 45 cm
1991
assinatura inf. centro



Megumi Yuasa
Sem Título
pedra e cerâmica esmaltada
16 x 12 x 6 cm
assinatura na peça

Megumi Yuasa
Sem Título
pedra e cerâmica esmaltada
22 x 15 x 9 cm



Megumi Yuasa
Sem Título
pedra e cerâmica esmaltada
21 x 12 x 7 cm



Megumi Yuasa
Árvore
escultura em cerâmica esmaltada
24 x 20 x 16 cm
déc. 1990
assinado



Megumi Yuasa
Árvore
escultura em cerâmica esmaltada
33 x 25 x 20 cm



Megumi Yuasa
Árvore com Casa
escultura em cerâmica esmaltada
35 x 25 x 25 cm



Megumi Yuasa
Árvore com Elefante
escultura em cerâmica esmaltada
50 x 35 x 35 cm

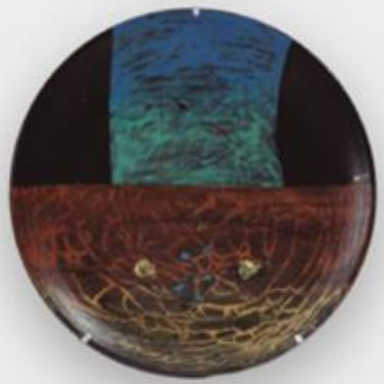


Megumi Yuasa
Nuvem
escultura em cerâmica esmaltada e metal
48 x 26 x 8 cm

| *Com marca do artista*











Megumi Yuasa
Coleção com 11 Pratos de Cerâmica
pintura sobre prato de cerâmica
32 cm (diâmetro)
1991
assinatura na peça













福島崇

TAKASHI FUKUSHIMA



TAKASHI FUKUSHIMA

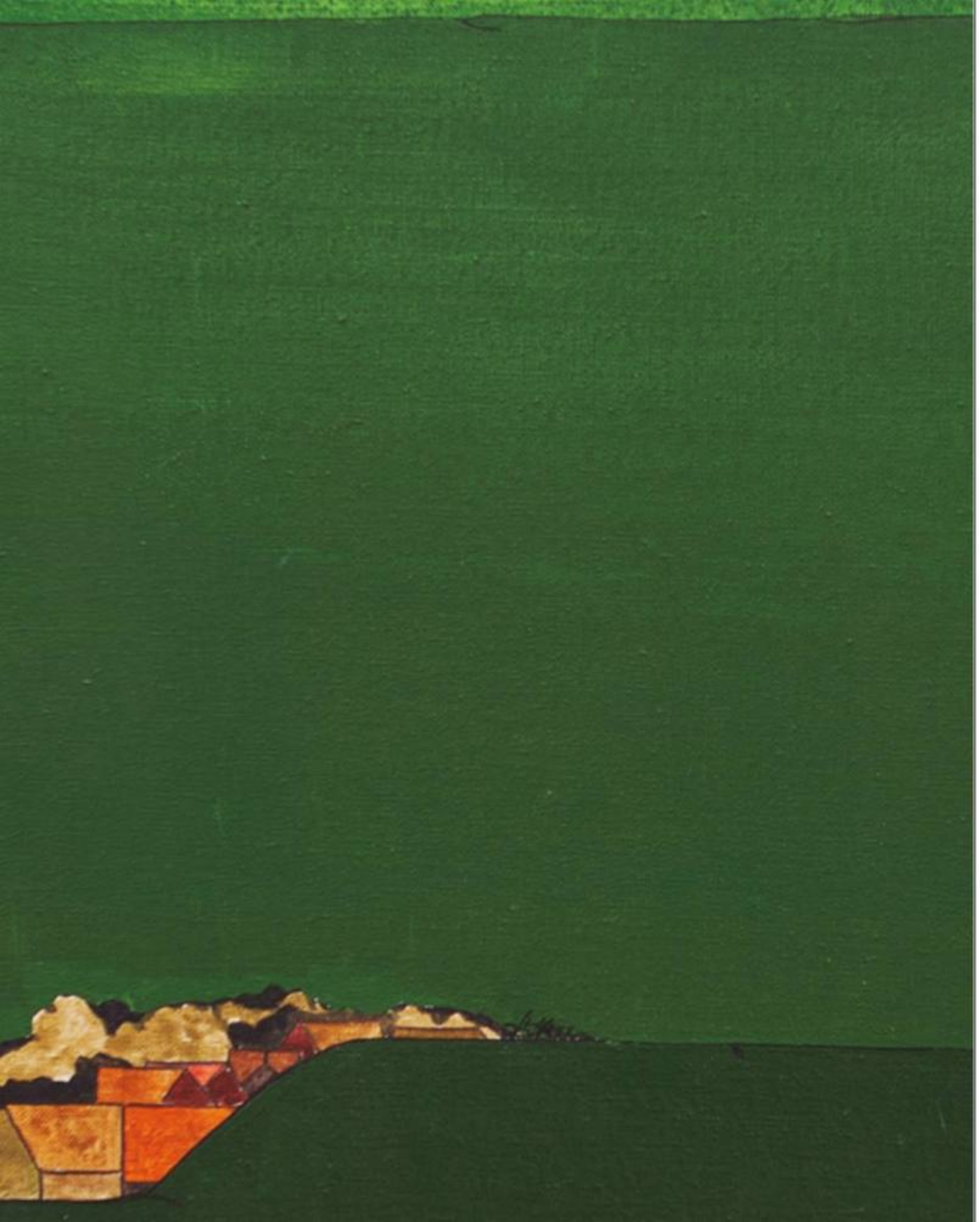
A arte é o universo.
Takashi Fukushima.

O universo é tudo o que sabemos, o que somos, o que podemos imaginar, o que pressentimos, o que intuímos e até o que negamos. É esse assunto, quase impossível para um pintor, que Takashi Fukushima enfrenta e torna em sinfonia pictórica ao organizar uma visualidade abrangente, descolada do hábito convencional da leitura paulatina e progressiva. O artista procede como se, ao pintar, estivesse descobrindo um novo universo, um mundo incógnito, e, aprendendo com essa atitude e procedimento, um deslumbrante paradigma conceitual. Em Takashi, encontramos o sentimento profundo de identificação com o existente. Talvez fosse justo dizer que essa relação amorosa com a ordem natural é de tal maneira reveladora que podemos chamá-la de sacra.

DADOS BIOGRÁFICOS

Takashi Fukushima (São Paulo, SP, Brasil, 1950). Pintor, gravador, desenhista e cenógrafo. Sua pintura se caracteriza por uma linguagem própria, fruto da combinação do tradicionalismo da cultura japonesa com questões próprias da contemporaneidade. Elege como objeto privilegiado a paisagem, seja ela a do jardim, a da cidade, a do oceano, seja a do cosmos. O que importa para o pintor é expressar o que o humano pode ver (ou mesmo imaginar), sendo um ponto de referência na vastidão do universo.

Filho do pintor Tikashi Fukushima (1920-2001), estuda com Luiz Paulo Baravelli (1942) em 1970 e, no mesmo ano, ingressa na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo (USP). Paralelamente aos estudos universitários, expõe suas pinturas em grandes mostras. Participa da Bienal Internacional de São Paulo de 1973 e de 1975 – obtendo, nesta última, o prêmio aquisição – e de várias edições do Salão Paulista de Artes Plásticas, sendo premiado em 1976.





Takashi Fukushima
Sem Título, 1972
óleo sobre tela
61 x 45 cm
assinatura inf. dir.



Takashi Fukushima
Nuvem Branca - Série Revolta da Natureza (díptico), 1986
óleo sobre tela
100 x 240 cm
assinatura inf. dir..





Takashi Fukushima
"Kaos Na Mata" e "Pax Cidade" (díptico), 1987
óleo sobre tela
100 x 160 cm
assinatura sup. dir.



Takashi Fukushima
Black and Blue (díptico), 1995 / 1996
acrílica sobre tela
210 x 280 cm
assinatura no verso

Etiqueta da exposição "Tempos Flutuantes - Takashi Fukushima", Pinacoteca do Estado de São Paulo - SP, Ago/Out de 1999.

福島近

TIKASHI FUKUSHIMA



FUKUSHIMA

O nascimento da pintura.
Tikashi Fukushima.

É tão suave a pintura que parece que Tikashi Fukushima inventa o mundo. A delicadeza intensa nos traz uma vivência emocional: nunca contemplamos as nuvens e o céu dessa maneira. Tikashi nos faz experimentar o contato com as coisas como se fosse a primeira vez. Igual a Tikashi, todos os dias inauguramos o tempo. O informalismo do seu trabalho corresponde a um momento em que a arte descobre a não figuração. Entretanto, no seu percurso, o informalismo é requintado ao ponto de nos evocar formas perenes, como o rio, a paisagem, o alvorecer, o poente.

DADOS BIOGRÁFICOS

Tikashi Fukushima (Fukushima, Japão, 1920 – São Paulo, SP, Brasil, 2001). Pintor e gravador, vem ao Brasil em 1940 e reside, inicialmente, nas cidades de Pompeia e Lins, no interior paulista. Em 1946, transfere-se para o Rio de Janeiro para trabalhar como assistente do pintor Tadashi Kamanagia (1899-1982), de quem se torna aluno. Entre 1947 e 1948, frequenta aulas como ouvinte na Escola Nacional de Belas-Artes (Enba).

Em 1949, muda-se para São Paulo e monta uma oficina de molduras no Largo Guanabara, no bairro do Paraíso, que passa a ser ponto de encontro dos artistas de tendências afins e que formam, em 1950, o Grupo Guanabara. Nesse período, integra o Grupo de Artistas Plásticos de São Paulo – Seibi.

Entre 1977 e 1990, torna-se presidente da Comissão de Artes Plásticas da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. Em 1979, passa a ser membro da Comissão de Artes da Fundação Brasil-Japão de Artes Plásticas. Em 2001, a Pinacoteca do Estado de São Paulo (Pesp) exibe uma mostra retrospectiva de sua obra.

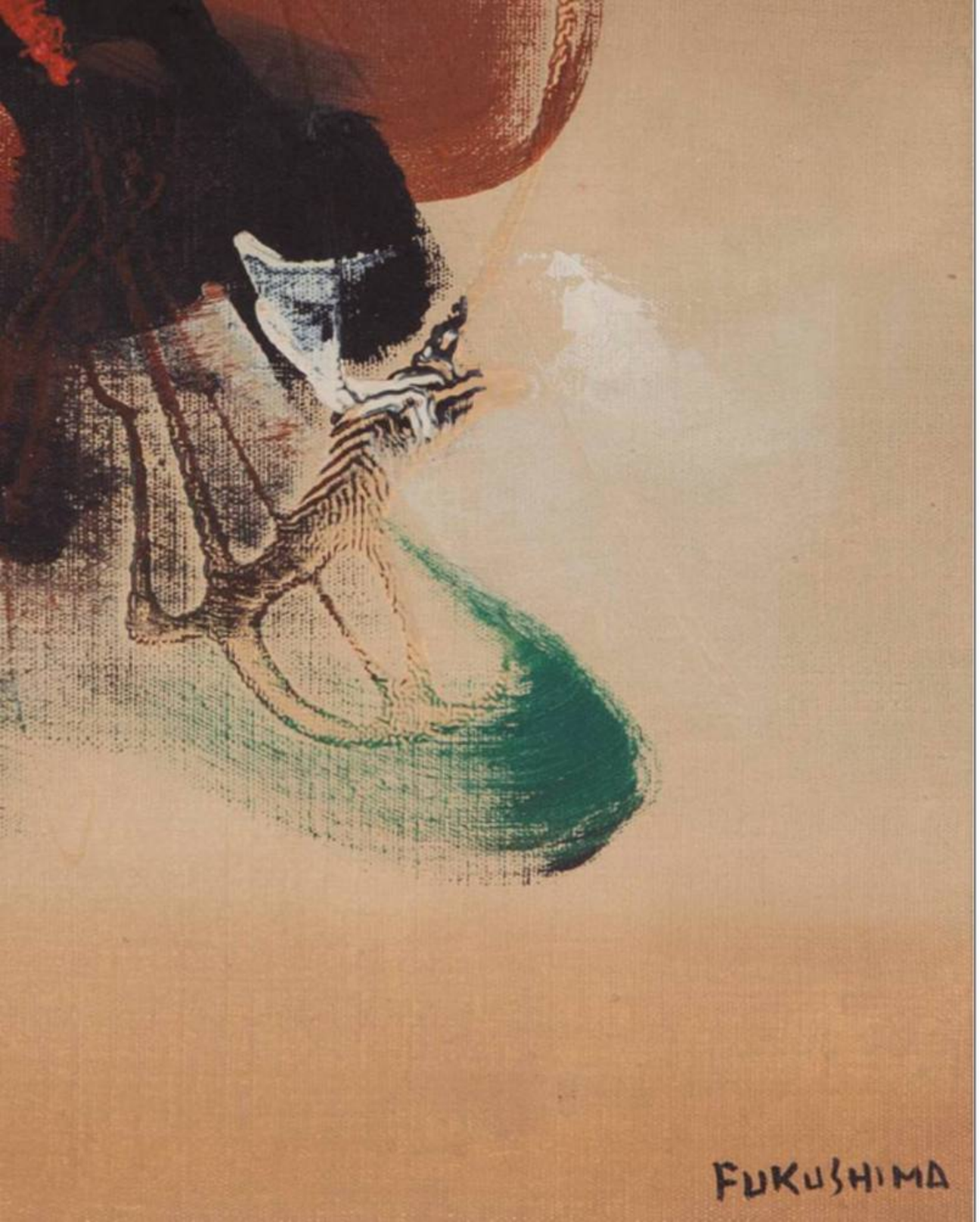




Tikashi Fukushima
Sem Título
acrílica sobre tela
80 x 79,5 cm



Tikashi Fukushima
Sem Título
óleo sobre madeira
60 x 73 cm
assinatura inf. dir.





Tikashi Fukushima
Sem Título
óleo sobre tela
40 x 33 cm
assinatura inf. dir.



Tikashi Fukushima
Sem Título
óleo sobre tela
100 x 120 cm
assinatura inf. dir.

大竹富江

TOMIE OHTAKE





As superfícies ondulantes da arte.
Tomie Ohtake.

A raridade era uma marca da artista. Começou a sua vida de pintora aos 40 anos. Morreu idosa e nos deixou grande legado em obras, ideias, intervenções e propostas. A sua pintura é de espaços avantajados, mesmo quando em pequenos formatos, e suas esculturas, inteiramente simbólicas.

As superfícies da sua pintura eram generosas, se apropriavam do espaço, ornavam o centro, o ponto focal. Eram matérias ondulantes, interrelacionadas. Mas sempre trabalhos de alta densidade formal.

Tomie Ohtake é uma das mais expressivas artistas do Brasil e o seu trabalho acentua as possibilidades de convívio luminoso entre o gesto emocional e a percepção intuitiva da sabedoria. Ela faz a ponte entre a gestualidade da década de 1960 e a sabedoria zen emergente no Ocidente a partir de uma nova consideração do real. A sutileza dessa colocação, a qualidade de sua realização e a absoluta coerência de seu trabalho a transformaram numa das mais importantes artistas brasileiras.

DADOS BIOGRÁFICOS

Tomie Ohtake (Kyoto, Japão, 1913 – São Paulo, SP, Brasil, 2015). Pintora, gravadora e escultora, vem para o Brasil em 1936 para visitar um de seus irmãos. Impedida de voltar ao Japão por causa de eventos ligados à Guerra do Pacífico, fixa-se em São Paulo.

Em 1952, inicia-se em pintura com o artista Keisuke Sugano (1909-1963). No ano seguinte, integra o Grupo de Artistas Plásticos de São Paulo – Seibi, do qual participam Manabu Mabe (1924-1997), Tikashi Fukushima (1920-2001), Flavio-Shiró (1928), Tadashi Kaminagai (1899-1982), entre outros artistas.

Após breve passagem pela arte figurativa, Tomie explora o abstracionismo. Entre 1959 e 1962, realiza pinturas "às cegas", isto é, tendo os olhos cobertos por uma venda. Em algumas obras, trabalha com pinceladas "rarefeitas" e tintas muito diluídas, explorando as transparências. Em outras, aprofunda a expressividade da matéria pictórica, de modo mais denso, em texturas rugosas. No decorrer dos anos 1960, emprega mais frequentemente tons contrastantes e aparecem em seus quadros formas coloridas, grandes retângulos, que parecem flutuar no espaço.

A partir dos anos 1970, a artista começa a trabalhar com a serigrafia, a litogravura e a gravura em metal. Ainda é possível observar a intensificação do dinamismo e da alusão ao movimento. Na década de 1980, passa a utilizar uma gama cromática mais intensa e contrastante. Nesse período, cria cenários para a ópera *Madame Butterfly*, apresentada em 1983 no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Dedica-se também à escultura e cria, por exemplo, a *Estrela do Mar* (1985), colocada na Lagoa Rodrigo de Freitas, na cidade do Rio de Janeiro, e esculturas de grandes dimensões em espaços e vias públicas, como as "ondas" em homenagem aos 80 anos da Imigração Japonesa, em 1988, instaladas na Avenida 23 de Maio, na capital paulista. Em 2008, faz novas esculturas para celebrar o Centenário da Imigração Japonesa, com monumentos na cidade de Santos e no Aeroporto Internacional de Guarulhos.



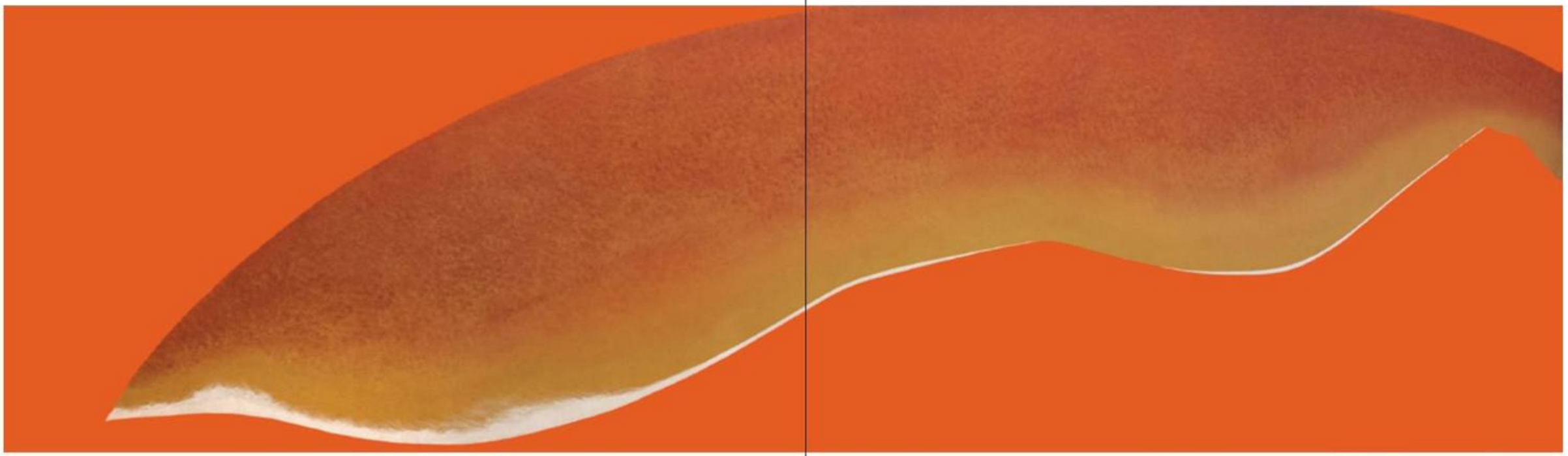
Tomie Ohtake
Sem Título, 1967
óleo sobre tela
100 x 60 cm
assinatura no verso

Registrada no Instituto Tomie Ohtake - P-64-22



Tomie Ohtake
Sem Título, 1968
óleo sobre tela
131 x 111 cm
assinatura inf. dir.

Etiqueta da Hara Museum of Contemporary Art, 1988 - Tóquio/Japão. Registrado no Instituto Tomie Ohtake, sob nº: p 68 8
Etiqueta da exposição "Retrospectiva de Tomie Ohtake - 1983 "Museu de Arte de São Paulo reproduzida no livro "Tomie Ohtake" Prefácio de P.M. Bardi, fig. 103



Tomie Ohtake
Sem Título, 1979
óleo sobre tela
204 x 750 cm
assinatura inf. dir.



Tomie Ohtake
Sem Título, 1984
óleo sobre tela
100 x 100 cm
assinatura inf. dir.

Registrado no Instituto Tomie Ohtake sob o cód. P84-59.



Tomie Ohtake
Sem Título, 1987
acrílica sobre tela
210 x 142 cm
assinatura inf. dir.

Registrado no Instituto Tomie Ohtake sob o cód. P 87 21.



Tomie Ohtake
Sem Título, 1990
óleo sobre tela
200 x 400 cm
assinatura inf. esq.

楠野友繁

TOMOSHIGE KUSUNO



Tomoshige

A invenção da verdade.
Tomoshige Kusuno.

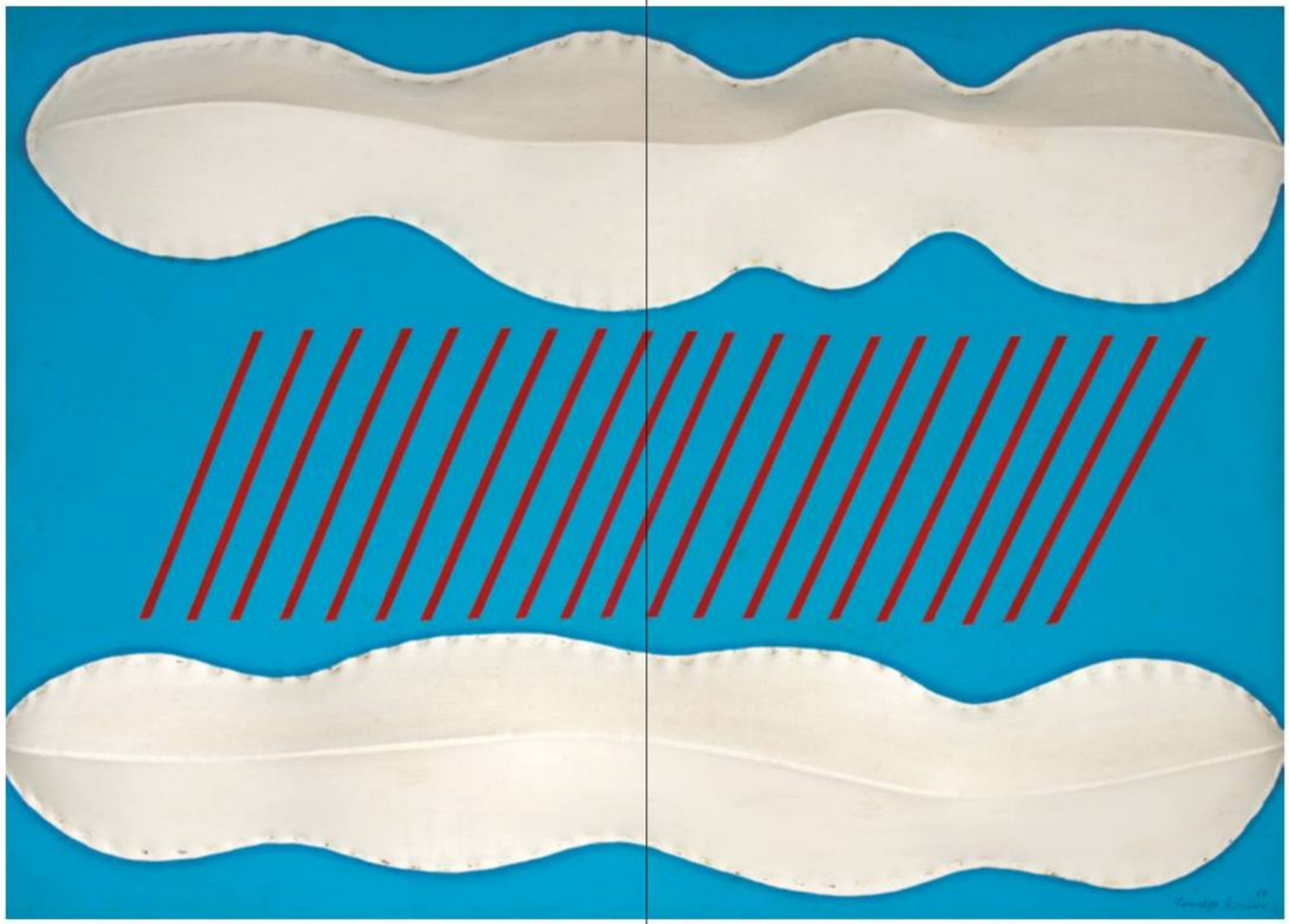
Pesquisador. Inovador. Pensador. Amor ao desconhecido. Experimentalista e inquieto, o seu trabalho é um diálogo com o desconhecido, com as possibilidades expressivas do espaço, do traço, da cor. É sensível aos meios de comunicação, às narrativas visuais do cotidiano. É um comunicador, artista do espaço, da meditação. Em Tomoshige, o exercício da arte é uma imersão em novas perspectivas de entendimento.

DADOS BIOGRÁFICOS

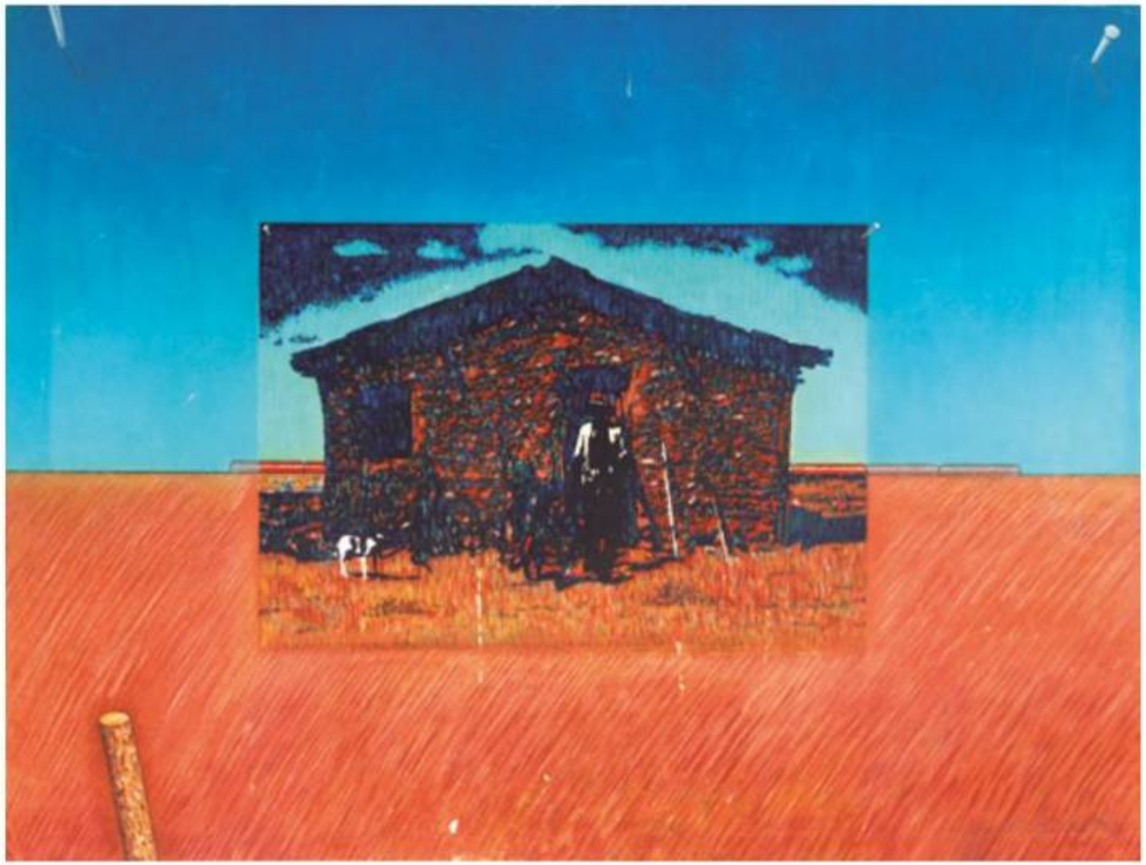
Tomoshige Kusuno (Yubari, Japão, 1935). Desenhista, pintor, artista visual, professor e gravador. Estuda na Universidade de Arte e toma parte no Núcleo de Arte de Vanguarda, na capital japonesa na década de 1950. Imigra para o Brasil em 1960, fixando-se na cidade de São Paulo. No ano seguinte, participa do 10º Salão Paulista de Arte Moderna.

Em 1962, é premiado no Salão do Paraná, em Curitiba, e no Salão do Grupo de Artistas Plásticos de São Paulo – Seibi: na 14ª edição desse salão, que ocorreu em 1970, ele ganha novamente o grande prêmio. Ainda na década de 1960, une-se a artistas ligados a tendências da nova figuração e participa das mostras Opinião 65, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM/RJ, e Propostas 65, na Fundação Armando Álvares Penteado - Faap.

No Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - MAC/USP, expõe em várias ocasiões, participando da mostra Jovem Arte Contemporânea, na qual recebe prêmios em 1967 e 1972. Ensina desenho na Faap e na Associação Comunidade Yuba, localizada na cidade paulista de Mirandópolis. A partir da década de 1990, integra inúmeras exposições coletivas, entre as quais se destacam a Bienal Brasil Século XX, em 1994, e a Exposição dos Pintores Nipo-Brasileiros Contemporâneos, em 1996, no Museu de Arte de São Paulo - Masp.



Tomoshige Kusuno
Sem Título, 1969
acrílica sobre tela e madeira
80 x 110 x 5 cm
assinatura inf. dir.



Tomoshige Kusuno
Sem Título, 1976
pastel e técnica mista sobre papel
50 x 68 cm
assinatura inf. dir.



Tomoshige Kusuno
Sem Título, 1970
acrílica sobre tela e madeira
242 x 160 cm



Tomoshige Kusuno
Diamante
acrílica sobre tela e madeira
150 x 110 cm
assinatura inf. esq.

豊田豊

YUTAKA TOYOTA





O encanto dos espaços invisíveis.
Yutaka Toyota.

O espaço invisível. Cinética sideral, a arte cinética e o encanto da qualidade. A sua é uma escultura de combinações inesperadas. Uma estrutura de aço cromado que multiplica a cor. Ou a articulada montagem de elementos em alumínio com a leveza da flor. E esculturas metálicas de perfeita geometria, movimentadas e transformadas devido à passagem do vento. O ar e Yutaka Toyota criam uma nova magia.

É possível dizer que a junção e a aparente contradição entre a dureza e o macio, a espontaneidade e a reflexão, o volume e a leveza, a geometria estável e o equilíbrio instável são companheiras constantes de Yutaka, fazem parte do mundo que inventou e originam a empatia do público.

Mas conhecer os componentes da poção mágica não resolve o mistério. Saber aumenta o mistério da realidade. Descobrimos as equivalências da escultura, e o prazer da contemplação é ainda maior. A alta tecnologia é indissociável da sua delicada concepção. E temos a sensação de que esse voo só existe embalado nesses materiais e em contrastes incomuns. A leveza da flor de metal.

DADOS BIOGRÁFICOS

Yutaka Toyota (Tendo, Japão, 1931). Pintor, escultor, desenhista, gravador e cenógrafo. No início da década de 1950, frequenta a Universidade de Arte de Tóquio. Transfere-se para o Brasil em 1962 e, em 1963, é premiado no 2º Salão do Trabalho, em São Paulo, e no 12º Salão Paulista de Arte Moderna. Em 1964, expõe individualmente no Museu de Arte Moderna do Rio Grande do Sul (MAM/RS) e, no ano seguinte, ganha prêmio no 1º Salão Esso de Jovens Artistas. Entre 1965 e 1968, vive em Milão, na Itália, onde conhece o designer Bruno Munari (1907-1998).

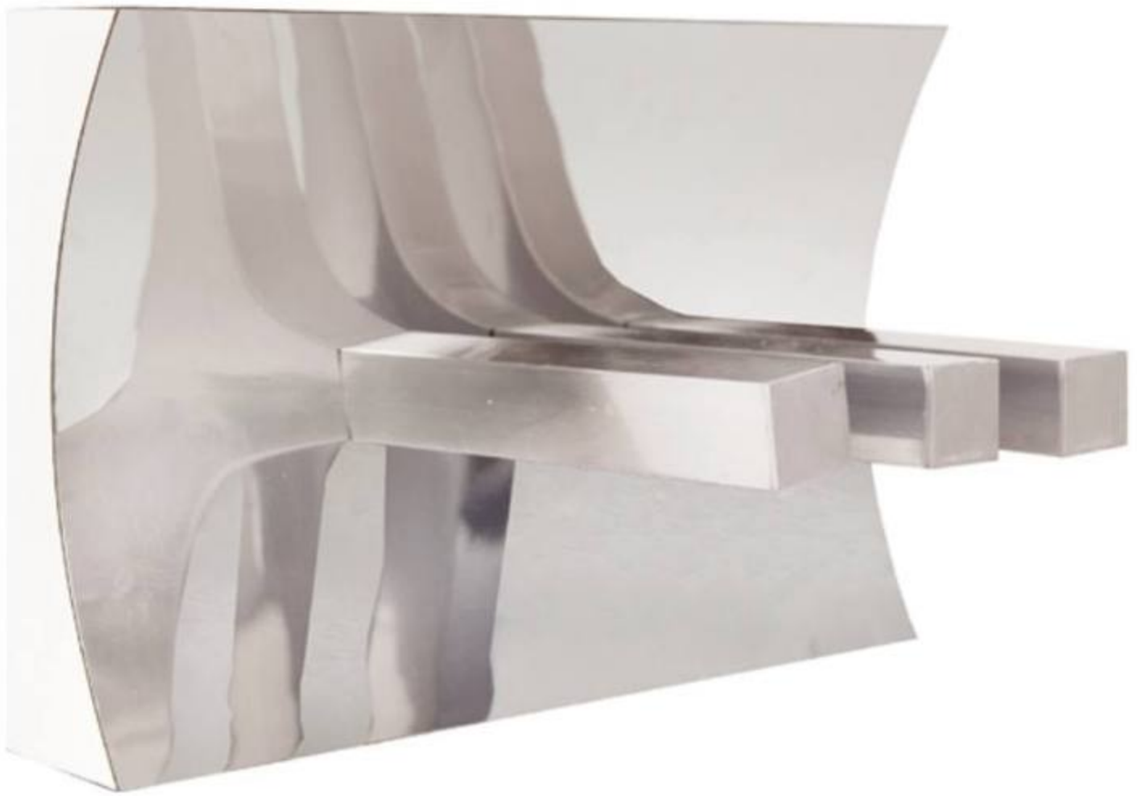
Em 1968, é premiado na 2ª Bienal de Artes Plásticas da Bahia, em Salvador, e no Salão de Santo André, São Paulo, e participa do 12º Salão do Grupo de Artistas Plásticos de São Paulo – Seibi, na capital paulista. No ano seguinte, recebe prêmio na 10ª Bienal Internacional de São Paulo.

A partir da década de 1970, realiza esculturas para espaços públicos e edifícios no Brasil e no exterior. Entre outros locais, estão a Praça da Sé (1978), o Hotel Maksoud Plaza (1979), ambos em São Paulo; e Parque Toyotomi em Hokkaido, Japão (1979). Participa do Panorama de Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), em dois momentos: em 1972 e em 1985, sendo premiado no primeiro. Em 1973, apresenta mostra individual no Museu de Arte Moderna de Kyoto e, em 1974, expõe na mostra Artistas Japoneses nas Américas, no Museu de Arte Moderna de Tóquio.
Em 1991, é eleito melhor escultor pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), em São Paulo.



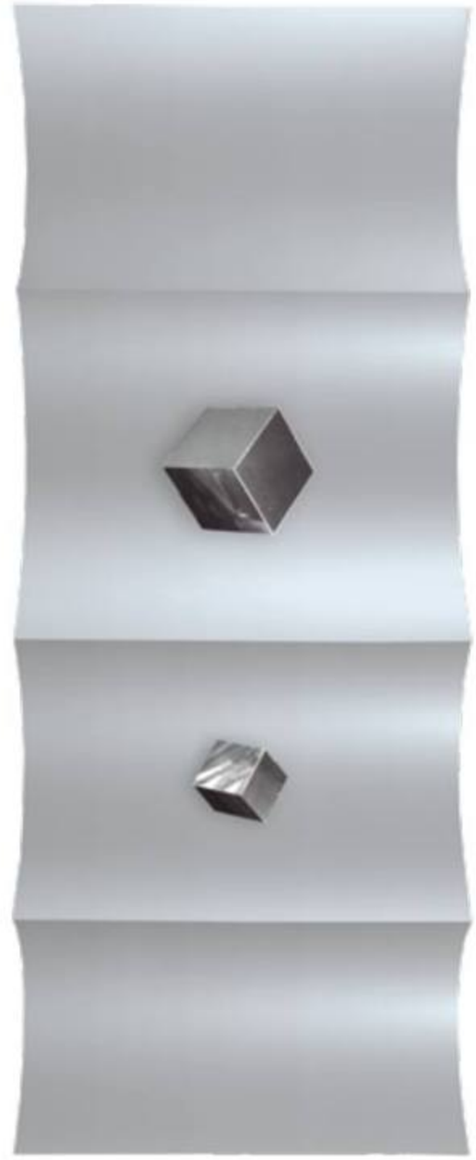
Yutaka Toyota
Espaço Negativo, 1970
escultura em alumínio e madeira
90 x 257 cm
assinatura no verso

Participou da exposição Yutaka Toyota, Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães - Recife, PE, 2023-2024.



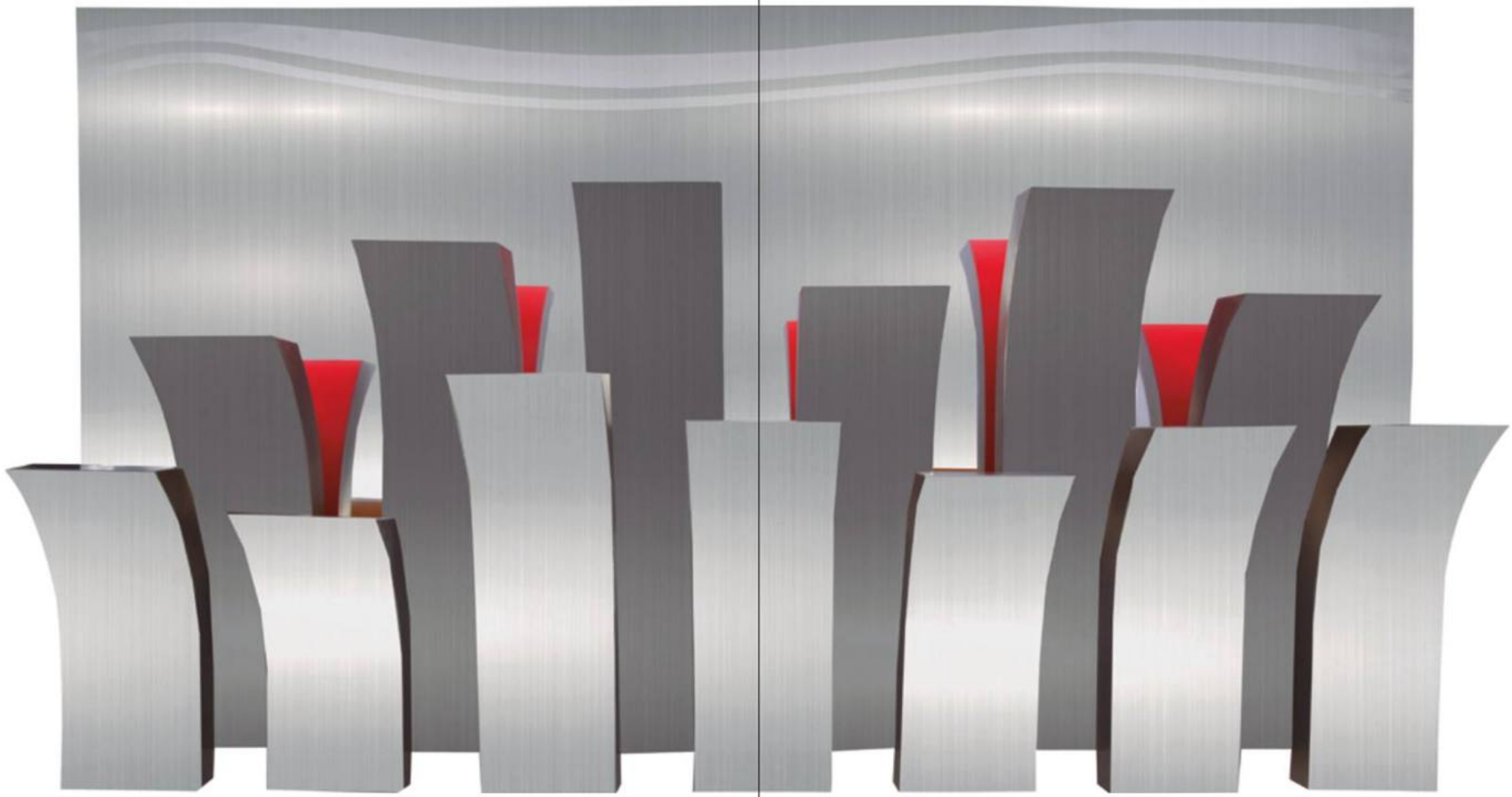
Yutaka Toyota
Espaço Infinito, 1971
escultura em chapa de aço sobre madeira
25 x 10 x 10 cm
assinatura no verso

Exemplar nº 95/150.



Yutaka Toyota
Espaço 4ª Dimensão, 1972
escultura em aço inoxidável e madeira
200 x 30 x 75 cm
assinatura no verso

Registro de autenticidade nº 000206 - Série A



Yutaka Toyota
Espaço Cósmico, 1979
escultura em aço inox, madeira e pintura
95 x 160 x 25 cm
obra assinada

Registro de autenticidade
nº 000212 - Série A.



Yutaka Toyota
Espaço Infinito, 1986
escultura em alumínio
80 x 77 x 20 cm
obra assinada



Yutaka Toyota
Sem Título, 1988
escultura em alumínio
113 x 68 x 30 cm
obra assinada



Yutaka Toyota
Espaço Invisível (azul e verde), 2010
aço inox, madeira e pintura
110 x 134 cm

Participou da exposição Yutaka Toyota, Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães - Recife, PE, 2023-2024.



Yutaka Toyota
Espaço Vibração, 2018
aço inox e pintura
193 x 180 x 100 cm

Participou da exposição Yutaka Toyota, Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães - Recife, PE, 2023-2024.



Yutaka Toyota
Espaço Reflexo Infinito 4°, 2023
aço inox polido
130 x 110 x 265 cm

Participou da exposição Yutaka Toyota, Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães - Recife, PE, 2023-2024.

藤田嗣治

TSUGUHARU FOUJITA



Foto cedida pelo Projeto Portinari

Foujita

A pintura é real e é mito.
Tsuguharu Foujita.

Foujita era real e também uma lenda. Hoje talvez seja possível separar o homem e a sua trajetória. Foujita (como preferia ser chamado) talvez possa se desfazer, aos nossos olhos, da sua persona social. Poderíamos chamá-lo de Fujita, pois esse é o seu nome original, o seu nome japonês. Mas ele preferia o Foujita – parecia-lhe mais próximo da Paris que tanto gostava.

Esse artista japonês se estabelece no Ocidente e traz consigo uma formação de nível muito elevada. Confere à sua vida uma espécie de fascinação. Como seria viver num ambiente artístico vibrante e, ao mesmo tempo, pobre de recursos materiais? Ele nos demonstra, pois o seu percurso era público. O seu tempo no Brasil foi relativamente curto, mas intenso. Foi amigo de Candido Portinari (1903-1962), Ismael Nery (1900-1934), Emiliano Di Cavalcanti (1897-1976) e Manuel Bandeira (1886-1968).

Foujita foi um romântico e, ao mesmo tempo, um artista de grande objetividade. Para nós, um país de muitas imigrações, foi uma referência do artista internacional, à vontade em qualquer lugar. Conservou o amor ao Japão, como demonstrou, mas isso não o impedia da aventura da viagem e de outras nacionalidades.

DADOS BIOGRÁFICOS

Tsuguharu Fujita (Tóquio, Japão, 1886 — Zurique, Suíça, 1968) foi um pintor modernista, filho de um médico e general do exército imperial japonês, e estudou na Universidade de Arte de Tóquio até se formar em 1910.

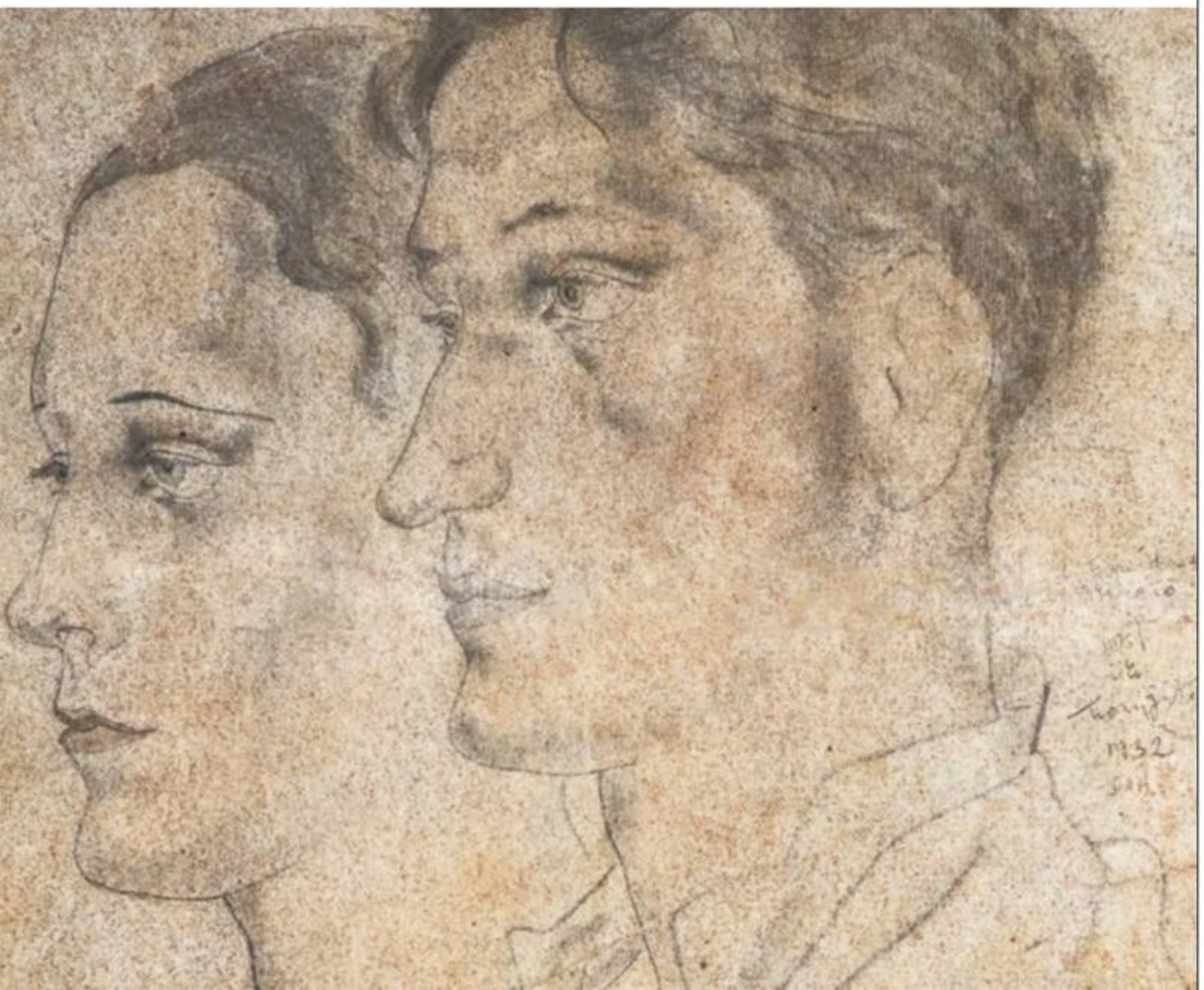
Três anos depois, foi a Montparnasse, em Paris, na França. Chegou lá sem conhecer ninguém, e encontrou-se com Amedeo Modigliani (1884-1920), Jules Pascin (1885-1930), Chaïm Soutine (1893-1943) e Fernand Léger (1881-1955) e se tornou amigo de Juan Gris (1887-1927), Henri Matisse (1869-1954) e Pablo Picasso (1881-1973) – este último ele afirma, em suas memórias, ter conhecido menos de uma semana após sua chegada.

Foujita também teve aulas de dança com Isadora Duncan (1877-1927), fazendo-o hesitar entre dança e pintura. Depois de uma estadia em Londres em 1914, ele retornou à cidade francesa de Falguière, perto de Soutine e Modigliani, até conhecer sua primeira esposa, a também artista plástica Fernande Barrey (1893-1960), em 1917, e montar seu estúdio em seu quintal, no número 5 da Rue Delambre, onde ficaria até 1924.

Foujita passou três anos viajando pela América do Sul e do Norte antes de retornar ao Japão em 1933. Ele tornou-se artista oficial de guerra durante a Segunda Guerra Mundial, ilustrando cenas de batalha e elevando o moral das tropas japonesas.

Regressou à França em 1950, onde passaria o resto da vida. Recebeu a nacionalidade francesa em 1955 e se converteu ao catolicismo em 1959. Seus últimos anos foram gastos trabalhando nos afrescos de uma pequena capela romântica que ele havia construído na cidade de Reims. Ele morreu em 1968, pouco depois da inauguração oficial da capela.

Foujita viveu no Rio de Janeiro durante o ano de 1931 e o início de 1932. Nesse curto período entrou em contato com artistas e poetas modernistas do período, como Candido Portinari, Emiliano Di Cavalcanti e Ismael Nery, expôs no Palace Hotel no Rio de Janeiro e, em São Paulo, no espaço expositivo à Praça Ramos de Azevedo.





Tsuguharu Foujita
Eneide e Mucio Leão, 1932
desenho sobre pergaminho
30 x 27 cm
assinatura inf. dir.

Fotografia colada no verso: Identificados Foujita, Eneida de Moraes, Madaleine e Múcio Leão/ Rio de Janeiro:1931, com assinatura do artista. Etiquetas no verso: "Jean-Paul Ledeur à Paris, 61 rue Raymond Losserand"; "FOUJITA, Tsuguharu 1886 -1968 / Eneida e Mucio Leão, desenho, assinado e datado 1932 a direita/ 30 x 27" (manuscrito desenho s/ pergaminho); "Bolsa de Arte do Rio de Janeiro"; "Tsuguharu Foujita / Eneida e Mucio Leão, desenho s/ pergaminho/ 30 x 27 /jan. 1932 Rio de Janeiro / Coleção Yashichi Kojima/ Brasil / Catalogado Sylve Boisson 1932 91"; "Florestano Leiloeiro Oficial /Bolsa de Arte do Rio de Janeiro/ Leilão: dias 9 e 10 de outubro de 1973 às 21hs.".

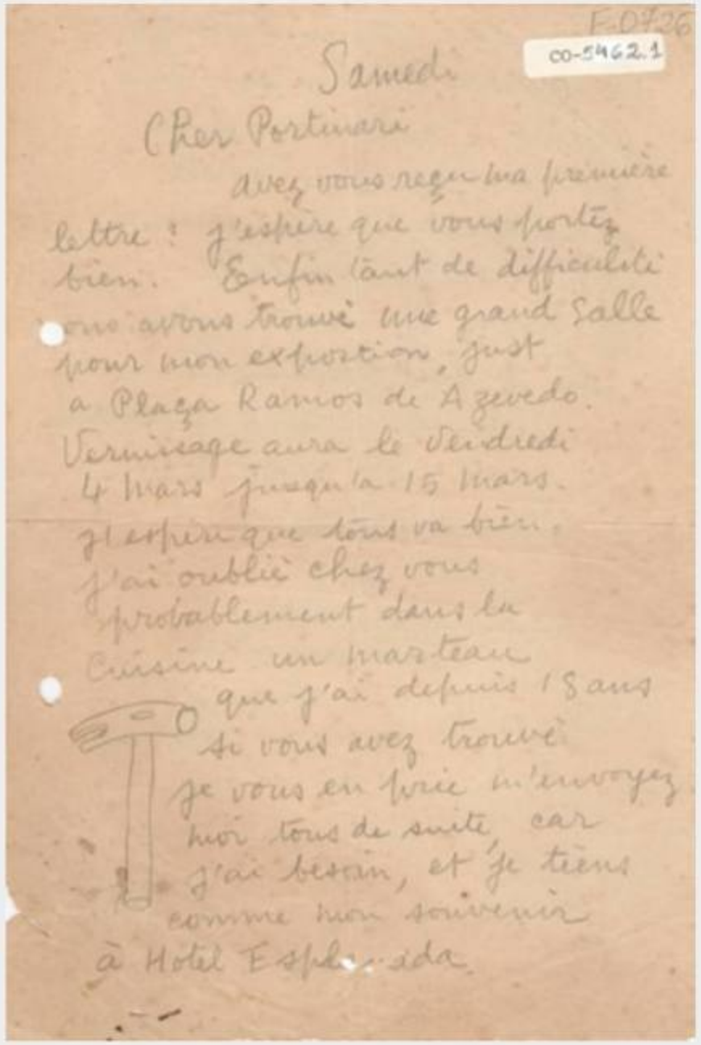


Tsuguharu Foujita
Nu Deitado, 1927
grafite sobre papel
65 x 90 cm
assinatura sup. dir.

Obra registrada no Projeto Foujita.
Documento emitido por Sylvie Buisson.
Ex-Coleção Manabu Mabe.

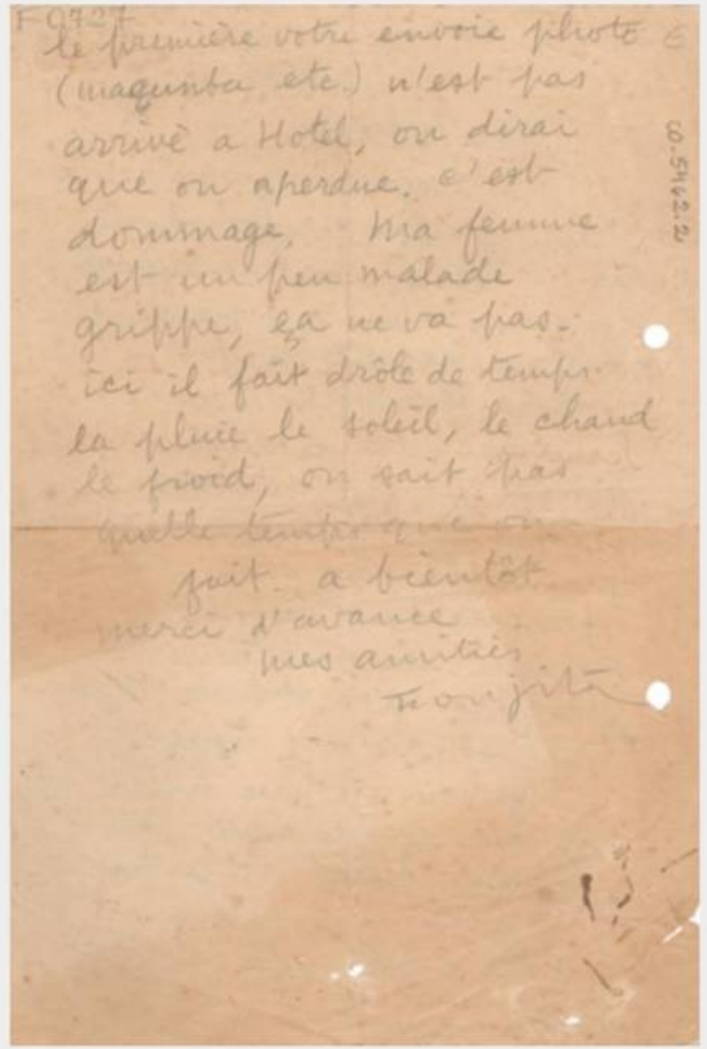


Manabu Mabe e James Lisboa na casa do artista, ao fundo a obra do artista Tsuguharu Foujita, 1996



Sábado
Caro Portinari,

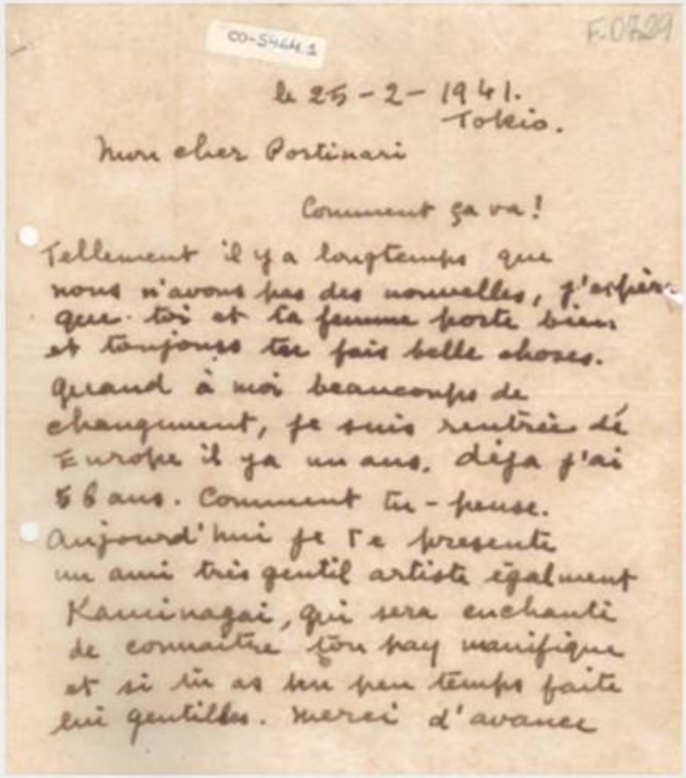
Você recebeu a primeira carta ? Espero que você esteja bem. Finalmente, depois de tanta dificuldade nós encontramos uma grande sala para minha exposição, bem na praça Ramos de Azevedo. A vernissage acontecerá sexta-feira dia 4 março, até 15 de março. Espero que dê tudo certo. Eu esqueci na sua casa, provavelmente na cozinha, um martelo que tenho há 18 anos. Se você encontrá-lo, eu te peço por favor para me enviá-lo rapidamente, pois estou precisando, e eu o tenho como lembrança do Hotel Esplanada.



O primeiro envio das suas fotos e (maçunba, etc) não chegaram ao hotel. Parece que foi perdida. Uma pena. Minha mulher está um pouco doente com gripe, não está indo bem aqui, o tempo esta esquisito, chuva, sol, calor e frio. Não sabemos ao certo a temperatura que está fazendo.

Até logo, agradeço desde já.
Com amizade,

Foujita.


CO-5464.1 F.0729

le 25-2-1941.
Tokio.

Mon cher Portinari

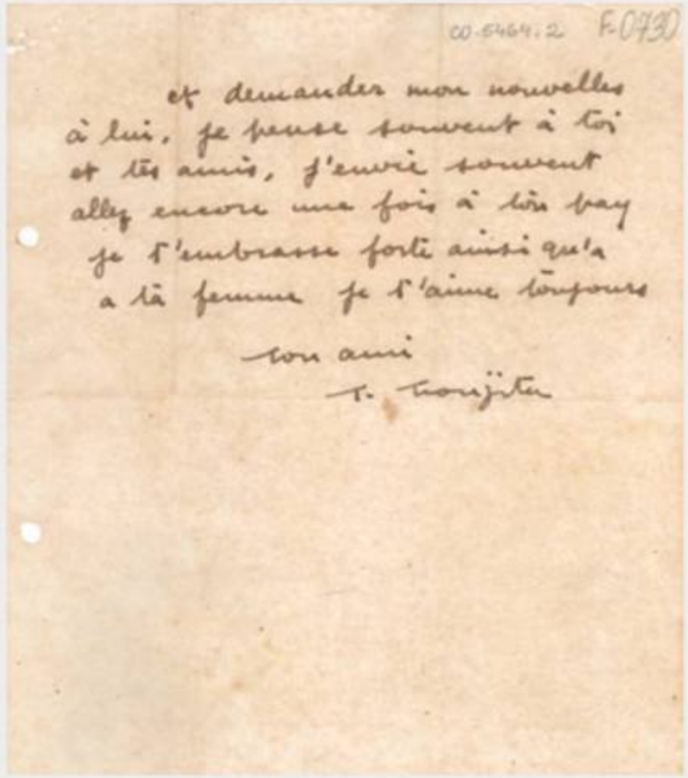
Comment ça va!

Tellement il y a longtemps que nous n'avons pas des nouvelles, j'espère que toi et ta femme porte bien et toujours tes fais belle choses. Quand à moi beaucoups de changement, je suis rentrée de Europe il ya un ans. déja j'ai 56 ans. Comment tu-pense. Aujourd'hui je t'a presenté un ami très gentil artiste également Kaminagai, qui sera enchanté de connaitre ton pay manifique et si tu as ton peu temps faite lui gentilles. merci d'avance

25 - 2 - 1941
Tokio

Meu caro Portinari, como está ?

Tanto tempo que não temos notícias, espero que você e sua esposa estejam bem e você como sempre esteja fazendo belas coisas. Quanto a mim muita mudança, eu voltei da Europa há um ano. Já tenho 56 anos. O que você acha. Hoje eu te apresento um amigo muito gentil artista igualmente Kaminagai. Que terá o prazer de conhecer seu magnífico país e se você tiver um pouco de tempo faça gentilezas a ele. Agradeço, desde já.


CO-5464.2 F.0730

et demander mon nouvelles à lui, je pense souvent à toi et tes amis, j'envie souvent alley encore une fois à ton pay je t'embrasse forte ainsi qu'a a ta femme je t'aime toujours

ton ami
T. Foujita

E peça por mim notícias a ele, eu penso frequentemente em você e nos seus amigos, eu gostaria de ir ainda mais uma vez a seu país. Eu te abraço forte, também sua esposa. Ainda te amo.

Seu amigo,
T.Foujita

Nota do curador:

Tivemos a alegria de descobrir estas cartas históricas do pintor Foujita dirigidas ao pintor Candido Portinari. Pertencem ao Projeto Portinari, uma fonte de alta fidelidade. Foujita as escreveu em francês, idioma que dominava como um instrumento de comunicação de um estrangeiro. E que tinha uma marca pessoal sua, a rapidez, o compromisso com a comunicação, e a fidelidade ao conteúdo. O texto manuscrito, com o seu valor histórico, está absolutamente íntegro. Na versão para o português, seguimos a ortografia vigente. Mas tivemos o cuidado em não tornar a escrita casual de Fujita numa versão falsamente literária. Procuramos, em tudo, conservar a graça, a intimidade e a gentileza do grande artista Foujita.

所蔵作品

ACERVO FOTOGRÁFICO



Massao Ono e Kazuo Wakabayashi



Tikashi Fukushima



Megumi Yuasa



Toyota recebendo o prêmio do Salão Esso de Artistas Jovens, Rio de Janeiro, 1965



Tomoshige Kusuno



James Lisboa e Tomie Otake



Tomie Ohtake



Manabu Mabe e Ciccillo Matarazzo



Wakabayashi e Masumi Tsuchimoto



Yutaka Toyota e Claudio Tozzi



Megumi Yuasa



Tomie Ohtake



Yotaka Toyota



Yutaka Toyota com colegas recém-formados em frente à Universidade de Arte de Tóquio, 1954



Takashi Fukushima



Raul Cortez, Jorge Amado, Valdemar Szaniecki, Belinha Szaniecki e Manabu Mabe



Yutaka Toyota, Shizuka e Alfredo Volpi



Manabu Mabe e James Lisboa, 1996



Manabu Mabe e James Lisboa, 1996



Manabu Mabe e James Lisboa, 1996



James Lisboa e Manabu Mabe, 1996



Jorge Mori e seu pai



Tomie Ohtake



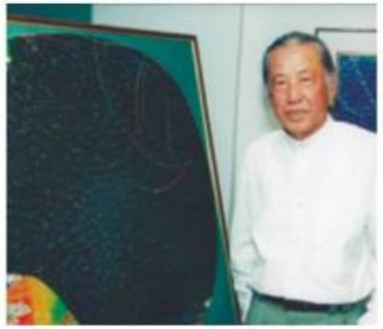
Manabu Mabe, Pietro Maria Bardi e Tavares Miranda



Maria Bonomi, Yutaka Toyota e Aguilar



Tomie Ohtake, Walter Lewy e Sachiko Koshikoku



Kazuo Wakabayashi



Waichi Tsutaka e Kazuo Wakabayashi, 1970



Yutaka Toyota e Manabu Mabe



Yutaka Toyota recebendo o VII Prêmio Piazzeta - Itália, 1967



Montagem da obra Espaço Cósmico, Clube Atlético Monte Líbano, SP



Megumi Yuasa



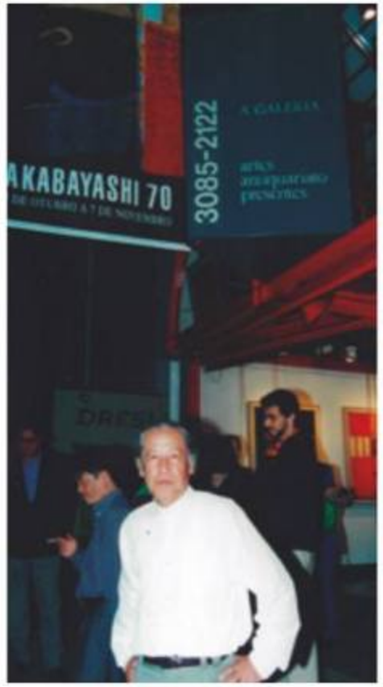
Tikashi Fukushima



Yutaka Toyota



Tikashi Fukushima



Kazuo Wakabayashi - Exposição individual A Galeria



Yutaka Toyota e Antonio Dias



Cruz-Diez e Toyota - Arte Americas Miami



Tikashi Fukushima



Kazuo Wakabayashi antes de vir ao Brasil



Belinha Szaniecki, Hikari, Kazuo Wakabayashi e Valdemar Szanieck



Takashi Fukushima



Jorge Mori



Hikari Wakabayashi, Jorge Amado, Yoshino e Kazuo Wakabayashi, 1987



Toyota no ateliê em Sesto San Giovanni, Milão, Itália, 1965



Valdemar Szanieck, Manabu Mabe e Jorge Amado



Kazuo Wakabayashi em frente ao seu ateliê no Japão



Kazuo Wakabayashi, Joh Mabe e Aldemir Martins



Kazuo Wakabayashi, Hikari Wakabayashi e Emanoel Araújo



Jorge Mori



Arcangelo Ianeli, Yutaka Toyota e Cleber Machado



Manabu Mabe e Carybé



Tomie Ohtake



Kazuo Wakabayashi e Roberto Camasmie



Valdemar Szaniecki, Belinha Szaniecki e Manabu Mabe



Visita ao monumento - Espaço Arco-Íris 1995 em Yokohama e Toyota, 2010



Yoshya Takaoka e Jorge Mori - Primeira exposição no Brasil



Manabu Mabe - Galeria Candido Portinari - Porto Alegre, 1969



Kazuo Wakabayashi - Câmara Municipal - Título Cidadão Paulistano, 1998



Manabu Mabe e Arturo Profili



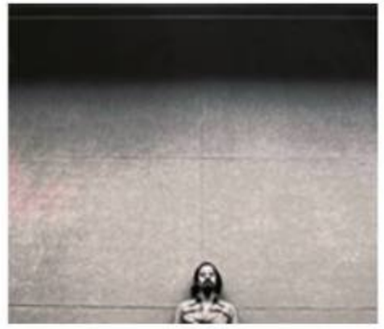
Magumi Yuasa



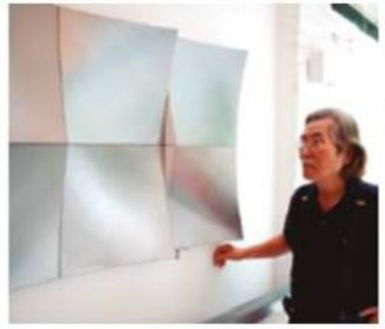
Tomie Ohtake



Tikashi Fukushima



Tomoshige Kusuno



Yutaka Toyota



Tomoshige Kusuno



Kazuo Wakabayashi - Galeria Ipanema, 1972



Kazuo Wakabayashi, Hikari Wakabayashi, Aldemir Martins e Yoshino Mabe



Tomie Ohtake



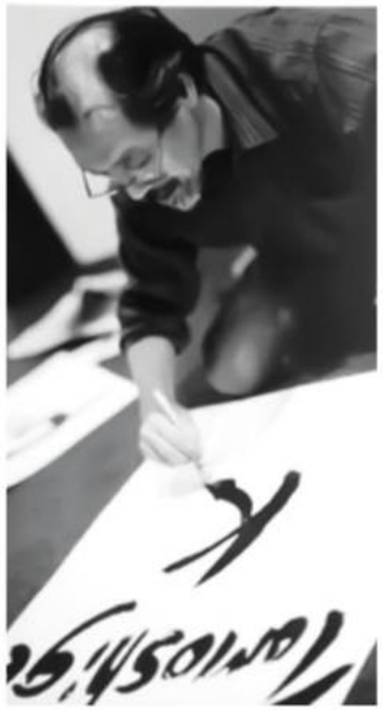
Exposição Coletiva - Kazuo Wakabayashi, M.Grassmann, Aldemir Martins, Roberto Marinho, Manabu Mabe e Frans Krajcberg



Kazuo Wakabayashi, Zélia Gattai e Jorge Amado



Megumi Yuasa



Tomoshige Kusuno



Yutaka Toyota - Mostra individual da Galeria Sincron, 1967



Manabu Mabe



Tikashi Fukushima



Kazuo Wakabayashi e Hikari Wakabayashi



Tomoshige Kusuno



Yutaka Toyota e Marc Berkowitz



Tomoshige Kusuno



Tomoshigue, Jaime Serebrenic, Kazuo Wakabayashi, David Libeskind e Valdemar Szanieck, exposição A Galeria 2001



Jorge Mori



Xico Stockinger e Yutaka Toyota, 2001



Olivio Tavares, Paulo Mendes da Rocha e Yutaka Toyota



Kazuo Wakabayashi, 1960



Arcangelo Ianelli e Kazuo Wakabayashi



Tikashi Fukushima e Xico Stockinger



Tomoshige Kusuno



Abraham Palatnik, Tikashi Fukushima, Kazuo Wakabayashi, Arcangelo Ianelli e Valdemar Szanieck



Yutaka Toyota na Fábrica Yamada Stone Co, 1991



Tikashi Fukushima



Yutaka Sanematsu, Toshie Sanematsu e Manabu Mabe



Valdemar Szanieck, Manabu Mabe, Carybé e Jorge Amado



Yutaka Sanematsu, Toshie Sanematsu, Hikari Wakabayashi e Kazuo Wakabayashi



Tomie Ohtake e Toshie Sanematsu



Yutaka Sanematsu e Toshie Sanematsu



Takashi Fukushima



Yutaka Toyota e Tomoshige Kusuno



Tomoshige Kusuno



James Lisboa e Tomoshige Kusuno



Megumi Yuasa



Renata Lisboa, James Lisboa, Megumi Yuasa, Naoko Yuasa, Kinuko Toyota, Yutaka Toyota, Jacob Klintowitz, Tomoshige Kusuno, Takashi Fukushima, James Acacio, Ely Sayemi e Akemi Kusuno, Galeria Frente, 2024



Megumi Yuasa



Yutaka Toyota



James Lisboa, Megumi Yuasa, Yutaka Toyota, Jacob Klintowitz, Tomoshige Kusuno, Takashi Fukushima e James Acacio



Jacob Klintowitz, James Acacio, Yutaka Toyota, Tomoshige Kusuno, James Lisboa, Megumi Yuasa e Takashi Fukushima



James Lisboa, Megumi Yuasa, Yutaka Toyota, Jacob Klintowitz, Tomoshige Kusuno, Takashi Fukushima e James Acacio

Realidade Máxima das Coisas / curadoria Jacob Klintowitz.
São Paulo : James A. Lobo Lisboa, 2024.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-00-92730-6

1. Artes - Exposições - Catálogos 2. Cultura nipo-brasileira
3. Pintura nipo-brasileira I. Klintowitz, Jacob.

24-191580 CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes : Catálogos de exposições 700.74
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/925

EQUIPE DE EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO

REALIZAÇÃO
Galeria Frente

DIRETOR
James Acacio Lisboa

CURADORIA
Jacob Klintowitz

PRODUÇÃO EXECUTIVA
E COORDENAÇÃO EDITORIAL
Juliana Rego Ripoli

PESQUISA DE IMAGEM
E BIBLIOGRÁFICA
Ely Sayemi Lutaka - Cataloga.com

MONTAGEM
Pedro Thiago Pereira dos Santos
Hugo Aparecido da Silva

PROJETO GRÁFICO
Luan Alves Torres
Milenne de Fátima Assis Reis

FOTOGRAFIA DOS ARTISTAS
Arquivo Pessoal Belinha Szanieck, Arquivo Pessoal James Lisboa, Arquivo Pessoal Manabu Mabe, Arquivo Pessoal Megumi Yuasa, Arquivo Pessoal Nami Wakabayashi, Arquivo Pessoal Roberto Porfili, Arquivo Pessoal Takashi Fukushima, Arquivo Pessoal Tamie Sanematsu, Arquivo Pessoal Tomoshige Kusuno, Arquivo Pessoal Yutaka Toyota, Denise Andrade fotografia dos artistas atual (Tomoshige Kusuno, Takashi Fukushima, Yutaka Toyota, Megumi Yuasa), Jaime Acioli (Retrato Flávio Shiró), Michio Osawa (Kazuo Wakabayashi no ateliê), Projeto Portinari, Romulo Fialdini (Retratos Manabu Mabe, Tomie Ohtake, Tomoshige Kusuno), Yuji Kusuno (Retrato Kazuo Wakabayashi)

FOTOGRAFIA DAS OBRAS
Luan Alves Torres
Missael Akyra Morro Kawano
Edouard Fraipont (Megumi Yuasa: cortesia Gomide&Co)
Jaime Acioli (Flávio Shiró)
João Borges (Yutaka Toyota)

FOTOGRAFIA DE EXPOSIÇÃO
Denise Andrade

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Jucelini Vilela

REVISÃO DE PORTUGUÊS
Ana Lúcia Neiva

TRADUÇÃO FRANCÊS – PORTUGUÊS
Lyz Parayzo

TRADUÇÃO PORTUGUÊS – JAPONÊS
Maria Fusako Tomimatsu

PRODUÇÃO GRÁFICA
Jamal Jamil El Kadri

AGRADECIMENTOS
Akemi Kusuno, Alberto Mori, André Luiz Bella, Belinha Szanieck, Bruna Araújo, Bruna, Grinsztejn, Cirton Genaro, Edouard Fraipont, Ely Iutaka, Flávio Shiró, Gianni Toyota, Instituto Manabu Mabe, Instituto Tomie Ohtake, Jaime Acioli, James Lisboa, João Candido Portinari, Joh Mabe, Josue Tanaka, Ken Mabe, Maria Portinari, Maria Tomimatsu, Marisa Lisboa, Max Perlingeiro Filho, Megumi Yuasa, Nami Wakabayashi, Naoko Yuasa, Noélia Coutinho, Projeto Portinari, Renata Lisboa, Ricardo Ohtake, Roberto Profili, Romulo Fialdini, Rubens Matuck, Takashi Fukushima, Tamie Sanematsu, Thiago Gomide, Tomoshige Kusuno, Vanessa Munduruca, Yoshino Mabe, Yugo Mabe, Yutaka Toyota

EQUIPE GALERIA FRENTE

DIRETOR
James Acacio Lisboa

SECRETÁRIA EXECUTIVA
Sheila Pala

RECEPÇÃO
Maria Eduarda Galindo

DEPARTAMENTO FINANCEIRO

DIRETORA
Renata Lisboa

EQUIPE
Katia Fonseca
Giovana Silva Oliveira
Sidinei Canuto dos Santos

COORDENADORA DE EXPOSIÇÕES
Juliana Rego Ripoli

DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA
Luiz Nobrega Gomes Júnior

DESIGN E MÍDIAS SOCIAIS
Luan Alves Torres
Milenne de Fátima Assis Reis

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Jucelini Vilela

DEPARTAMENTO COMERCIAL
Rubia Tavares Reis
Érika de Sousa Lobo

PROJETO ACERVO
Raquel Machado Pinto

EQUIPE DE MONTAGEM
Pedro Thiago Pereira dos Santos
Hugo Aparecido da Silva

LOGÍSTICA
Hugo Matheus da Silva
Ricardo Soares Amaro

ISBN: 978-65-00-92730-6
CIP
9 786500 927306





Megumi Yuasa, Yutaka Toyota, Tomoshige Kusuno e Takashi Fukushima